



**Observação, Análise e Interpretação do Jogo de Futebol
dos Sub.15 do Santiago Mascotelos Futebol Clube -
Relatório de Estágio Profissionalizante realizado na
época desportiva 2019/20**

João Mário Fernandes Guiomar

Porto, 2020



Observação, Análise e Interpretação do Jogo de Futebol dos Sub.15 do Santiago Mascotelos Futebol Clube - Relatório de Estágio Profissionalizante realizado na época desportiva 2019/20

Relatório de Estágio apresentado com vista à obtenção do 2º ciclo em Treino Desportivo, especialização em Treino de Jovens, da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, ao abrigo do Decreto-Lei nº 74/2006, de 24 de março, na redação dada pelo Decreto-Lei nº 65/2018 de 16 de agosto.

Orientador: Professor Doutor Filipe Luís Martins Casanova

Tutor: Engenheiro Roberto Edgar Ribeiro Lobo

João Mário Fernandes Guiomar

Porto, 2020

Ficha de Catalogação:

Mestrado:

Guiomar, J. (2020). *Observação, análise e interpretação do Jogo de Futebol, na equipa Sub-15 do Santiago Mascotelos FC*. Relatório de estágio profissionalizante para obtenção do grau de Mestre de Treino de Jovens, apresentado à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Palavras-chave: FUTEBOL, JOVENS, JOGO, ANÁLISE, OBSERVAÇÃO, INTERPRETAÇÃO.

Agradecimentos

Sinto que devo agradecer a todos que me são mais próximos, pelo apoio, compreensão da falta da minha presença nas vidas deles durante este ano. Terminar mais uma etapa na minha vida académica para a obtenção do grau de Mestre significa um longo caminho de aprendizagens e agora um caminho de dever e responsabilidades enquanto profissional da área.

Agradeço ao Professor Doutor Filipe Casanova que sempre mostrou disponibilidade para me orientar na elaboração do relatório. Agradeço ainda pela sinceridade nas nossas reuniões.

Aos meus pais e irmãos, pela forma como foram compreensivos comigo, sempre respeitando quando necessitava de ter o meu espaço para trabalhar e fazer as minhas reflexões, mas também por sempre me apoiarem e me lembrarem nos tempos difíceis e de menos criatividade, que tenho de lutar pelo que quero.

À minha namorada, por ter sido um pilar importante ao longo deste ano. Foram muitas horas e dias sem nos vermos, mas sempre me lembrou que no futuro vai valer a pena.

À instituição Santiago Mascotelos FC, a todo o corpo técnico e diretivo que dela faz parte, que desde o início me integraram a nível social e a nível técnico, onde pude ter uma voz ativa.

Ao meu tutor de estágio Edgar Lobo, que foi quem mais me motivou dentro do clube, foi com quem tive mais “discussões” sobre o jogo e a sua análise e interpretação. Sempre me ajudou a evoluir enquanto pessoa e enquanto profissional, e agradeço-lhe pela paciência e por acreditar no meu potencial.

Ao Nuno Margarido por me integrar na sua equipa técnica e por todas as nossas conversas sobre o que mais gostámos, o jogo.

E ainda ao meu colega e amigo de licenciatura, Fábio Pelé, pela motivação e constantes discussões sobre o jogo e a realização deste relatório.

A todos os que participaram de forma direta ou indireta na minha formação.

O meu OBRIGADO!

Índice Geral

Agradecimentos.....	v
Índice Geral	vii
Índice de Figuras	ix
Índice de Quadros	xi
Resumo	xiii
Abstract	xv
Lista de Abreviaturas	xvii
1. Introdução.....	19
1.1 Expectativas Sobre o Estágio Profissionalizante	22
1.2 Objetivos	23
1.3 Estrutura do Relatório	24
2. Contextualização da Prática	25
2.1 Macro contexto – Observação, Análise e Interpretação do jogo de Futebol	27
2.1.1 O Jogo de Futebol.....	27
2.1.2 Ensino da Dimensão Tática no Futebol.....	29
2.1.3 A Tática	31
2.1.4 Observação, Análise e Interpretação do Jogo.....	32
2.1.4.1 A Observação do Jogo	34
2.1.4.2 A Análise do Jogo	35
2.1.4.3 A Importância do Observador/Analista	36
2.1.4.4 Os Momentos do Jogo	38
2.1.4.4.1 Organização Defensiva.....	38
2.1.4.4.2 Organização Ofensiva.....	39
2.1.4.4.3 Transições Ofensivas e Defensivas	39
2.2 Contexto legal	39
2.3 Contexto institucional.....	40
2.3.1 História	40
2.3.2 Infraestruturas.....	41
2.3.3 Futebol de Formação	42
2.3.3.1 Organigrama Escalões de Formação	44
2.3.3.2 Objetivos de Formação.....	45
2.3.4 Histórico recente de classificações da equipa de Sub-15 do Santiago Mascotelos FC.....	46
2.3.5 Caraterização da equipa de Iniciados do Santiago Mascotelos FC	47
2.3.5.1 Guarda-redes	47
2.3.5.2 Defesas Centrais.....	48

2.3.5.3 Defesas Laterais	51
2.3.5.4 Médios.....	52
2.3.5.5 Avançados	55
3. Desenvolvimento Profissional	59
3.1 O Modelo de Jogo.....	61
3.1.1 Princípios Gerais	61
3.1.2 Macro ciclo.....	63
3.1.3 Micro ciclo.....	63
3.1.4 Unidade de Treino	65
3.1.5 Relatório da Observação e Análise	66
3.1.6 Processo e Ferramentas de Observação e Análise	68
4. Desenvolvimento Profissional	71
5. Conclusões e Perspetivas Futuras.....	79
5.1 Conclusões	81
5.2 Perspetivas futuras.....	82
6. Referências Bibliográficas.....	85

Índice de Figuras

Figura 1 - Ciclo de Treino, Papel da Observação e Análise (adaptado de Carling et al., 2005)	35
Figura 2 - União de Freguesias de Candoso São Tiago e Mascotelos	41
Figura 3 - Campos Santiago Mascotelos FC.....	42
Figura 4 - Infraestruturas de Apoio.....	42
Figura 5 - Modelo de Jogo - Sistema 1x3x5x2	61
Figura 6 - Microciclo Modelo	64
Figura 7 - Unidade de treino nº 47, microciclo 17.....	66
Figura 8 - Relatório de Observação/Análise Coletiva Interna.....	67
Figura 9 - Relatório de Observação/Análise Individual Interna.....	68
Figura 10 - Freemake Video Converter	69
Figura 11 - Longomatch	69
Figura 12 - Corel VideoStudio X10.....	70

Índice de Quadros

Quadro 1 - Dados estatísticos e população (fonte: www.ufsantiagomascotelos.pt)	43
Quadro 2 - Organigrama Escalões de Formação.....	44
Quadro 3 - Número de equipas e treinadores por escalão.....	45
Quadro 4 - 1ª Divisão da AF Braga de Juniores C (Sub-15) - Série B – 2018/2019 (fonte: www.zerozero.pt)	46
Quadro 5 - 1ª Divisão da AF Braga de Juniores C (Sub-15) - Série B – 2018/2019 (fonte: www.zerozero.pt)	47
Quadro 6 - Informação sobre o Jogador 1	47
Quadro 7 - Informação sobre o Jogador 2	48
Quadro 8 - Informação sobre o Jogador 3	48
Quadro 9 - Informação sobre o Jogador 4	49
Quadro 10 - Informação sobre o Jogador 5	49
Quadro 11 - Informação sobre o Jogador 6	50
Quadro 12 - Informação sobre o Jogador 7	50
Quadro 13 - Informação sobre o Jogador 8	51
Quadro 14 - Informação sobre o Jogador 9	51
Quadro 15 - Informação sobre o Jogador 10.....	52
Quadro 16 - Informação sobre o Jogador 11.....	52
Quadro 17 - Informação sobre o Jogador 12.....	53
Quadro 18 - Informação sobre o Jogador 13.....	53
Quadro 19 - Informação sobre o Jogador 14.....	54
Quadro 20 - Informação sobre o Jogador 15.....	54
Quadro 21 - Informação sobre o Jogador 16.....	55
Quadro 22 - Informação sobre o Jogador 17.....	55
Quadro 23 - Informação sobre o Jogador 18.....	56
Quadro 24 - Informação sobre o Jogador 19.....	56
Quadro 25 - Modelo de Jogo do Juniores C (Sub-15) SMFC.....	62
Quadro 26 - Macro ciclo dos Sub-15 - época 2019/2020	63

Resumo

Nos dias de hoje, dificilmente encontramos clubes profissionais sem um departamento de Observação, Análise e Interpretação do jogo, quer para o Futebol sénior quer para a formação. Os clubes, dirigentes e treinadores, querem controlar e monitorizar o máximo de fatores possíveis do jogo, seja a nível interno seja a nível externo.

No estado atual do Futebol, os jogos decidem-se cada vez mais nos pormenores. Reconhecer pontos fortes e fracos dos adversários (coletivos e individuais), bem como da própria equipa, tornou-se indispensável para os treinadores e com isso acrescentam mais elementos, à já multidisciplinar equipa técnica. Um pouco à imagem dos melhores exemplos da área, muitos clubes de menor dimensão começam a apostar nessa vertente, embora ainda de uma forma muito rudimentar.

Este relatório foi realizado no âmbito do estágio profissionalizante na função de observador/analista do escalão Sub.15 no Santiago Mascotelos FC durante a época desportiva 2019/2020 e está dividido em 6 capítulos: 1) a Introdução, onde se aborda em síntese os temas; 2) a Contextualização da prática profissional, o macro contexto e o contexto legal e institucional; 3) o Desenvolvimento da prática profissional, as tarefas realizadas ao longo do estágio; 4) o Desenvolvimento profissional; 5) as Conclusões e Perspetivas futuras e 6) as Referências bibliográficas.

Podemos então constatar a aposta dos clubes num departamento de Observação, Análise e Interpretação do jogo, através do comportamento individual e coletivo como uma tarefa fulcral para a preparação e planeamento dos treinos, mesmo em escalões de formação, onde já se verificam alguns treinadores de diferentes níveis a atribuir importância à área e a utilizarem os dados e informações obtidos para realizar essa tarefa e também para melhorarem o rendimento da sua equipa e explorar a equipa adversária.

Palavras-chave: FUTEBOL, JOVENS, JOGO, ANÁLISE, OBSERVAÇÃO, INTERPRETAÇÃO.

Abstract

Nowadays, we hardly find professional clubs without a Observation and Analysis department, whether in senior Football or in youth level. The clubs and their chiefs and coaches want to control and monitor the maximum of possible factors in football match, either internally or externally level.

In the current state of Football, the games are being decided in the details. Recognize opponent's strengths and weaknesses (individual and collective), as well as your own team, became indispensable to coaches and with that, more elements have been added to the already multidisciplinary staff. Like the best examples in football area, many smaller clubs are trying to bet in this aspect, although still in a very rudimental way.

This report was carried out as part of the professional internship with observer/analist function on under-15 team at Santiago Mascotelos FC during 2019/2020 sports season and is divided into 6 chapters: 1) the Introduction, where the topics are summarized; 2) the Context of professional practice, the macro context and the legal and institutional context; 3) the Development of professional practice, the tasks performed during the internship; 4) Professional development; 5) Conclusions and future Perspectives and 6) Bibliographic references.

We can verify the importance given by the clubs to have a Department of Observation, Analysis and Interpretation of the individual and collective behaviour as a decisive task in planning and preparing the training, even in youth teams, where there are already some coaches of different levels assigning importance to the area and to the use of data and information obtained to accomplish that task and also to improve the performance of their team and to explore the opposing team.

Keywords: FOOTBALL, YOUTH, MATCH, ANALYSIS, OBSERVATION, INTERPRETATION.

Lista de Abreviaturas

JDC – Jogos Desportivos Coletivos

OAJ – Observação e Análise do Jogo

OA – Observação e Análise

OJ – Observação do Jogo

AJ – Análise do Jogo

SMFC – Santiago Mascotelos FC

1. Introdução

1. Introdução

O Futebol é uma modalidade em constante evolução e com uma enorme importância e influência a nível global (Santos, 2016; Van Lingen, 1999). Esta evolução deve-se em grande parte aos inúmeros estudos e investigações das mais variadas áreas para entender melhor o fenómeno e criar ou desenvolver metodologias de trabalho que suportadas por conhecimentos científicos, possam trazer vantagem sobre os adversários e conduzir ao sucesso (Costa, 2010; Ventura, 2013). Desta forma, o futebol tornou-se uma modalidade que abrange uma enorme variedade de áreas científicas tais como: psicologia, nutrição, biomecânica, fisiologia, anatomia, entre outras e os benefícios que trazem ao desempenho competitivo são reconhecidos como essenciais no futebol (Carling et al., 2005). Segundo Costa (2010) uma outra disciplina que vem ganhando cada vez mais relevo é a observação/análise do jogo, que é vista como instrumento importante para descodificar todo o processo envolvente no jogo. A análise do jogo pode ser muito útil para o treinador ou o observador/analista identificar padrões no jogo que decifrem o modelo de jogo de uma equipa, que por vezes pode parecer algo caótico e aleatório, com uma enorme imprevisibilidade (Garganta, 2008). É ainda uma área da qual provem informação que é depois utilizada no planeamento do treino e na melhoria e preparação da equipa.

Atualmente todos os clubes profissionais dispõem de um departamento de observação e análise nos escalões seniores e de formação, mas há outros clubes que também começam a perceber a importância do investimento nessa área. Com esse investimento, começam a entrar nas já multidisciplinares equipas técnicas, os analistas de jogo, que são os responsáveis pela análise da sua própria equipa (coletiva ou individual) para possibilitar uma melhor avaliação e interpretação do processo de treino e pela análise dos adversários, de forma a identificar pontos fortes e fracos, para depois pensar numa forma de explorar esses pontos fracos.

Este relatório respeita o decreto de lei nº74/2006 de 24 de março, e será apresentado à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto com o objetivo

de obter o grau de Mestre em Treino de Crianças e Jovens, e equivalência ao grau II de treinador de Futebol. Este relatório pretende descrever as práticas e reflexões que foram realizadas no estágio profissionalizante enquadrado no 2º Ciclo em Treino Desportivo, da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, efetuado na equipa de Sub-15 (Juniões C), desempenhando a função de observador/analista de jogo do Santiago Mascotelos FC, durante a temporada 2019/2020, a competir na 1ª Divisão da AF Braga – Série B.

Complementarmente, neste estágio também exerci a função de treinador adjunto no escalão sénior.

1.1 Expectativas Sobre o Estágio Profissionalizante

Este estágio profissionalizante iniciou-se com a expectativa de aplicar conhecimentos obtidos não só nas aulas no 1º ano do Mestrado, mas também através das experiências partilhadas entre os colegas de turma. Através dessas mesmas aulas e trocas de ideias e experiências com colegas de turma, a expectativa inicial de explorar a área do *feedback* no treino, tornou-se numa busca pelo conhecimento profundo do jogo. Com esta alteração de pensamento, tínhamos a expectativa de ter um papel ativo na área da Observação, Análise e Interpretação do jogo.

Tínhamos a expectativa de encontrar uma equipa técnica que atribuísse elevada importância a esta área, mesmo em escalões mais jovens, e se não fosse o caso, que pudéssemos mudar a forma de pensar demonstrando através da teoria e da prática quais as vantagens de planejar treinos e jogos através de observação e análise. Desta forma de pensar surge a ideia de que se poderiam realizar reuniões para discutir pontos fortes e fracos da própria equipa, e ter em conta os mesmos como forma de preparação dos microciclos. Pretendíamos que a integração na instituição e na equipa técnica fosse de forma gradual assim como a implementação das nossas ideias e novas formas de trabalhar nesta área. Aprender com o trabalho que era feito, com os diferentes olhares sobre o jogo, as ideias de todo o corpo técnico do clube e tentar entender “o porquê?” de uma situação de jogo igual, poder ter interpretações completamente diferentes. Provavelmente uma das maiores expectativas que tínhamos não só pelo

passado como jogador, mas também pelo presente e futuro como treinador, era perceber em conjunto com os atletas, as ações realizadas por eles em campo.

A nível pessoal a expectativa foi de aprender, absorver e melhorar a forma de processar a informação que obtemos seja através da nossa visão ou da visão dos outros.

1.2 Objetivos

Este relatório teve como objetivo principal a obtenção de um conhecimento mais profundo da preparação dos treinos e jogos de uma equipa de futebol através da Observação, Análise e Interpretação do jogo. Para tal, tivemos em conta alguns objetivos secundários:

- Ser parte ativa no planeamento e organização do treino;
- Ter um papel de relevo e ativo na interação com os jogadores;
- Pôr em prática conhecimentos obtidos, quer de domínio técnico-prático, quer no didático-pedagógico;
- Desenvolver a capacidade de pensar em novas ideias;
- Ter possibilidade de discutir com a equipa técnica aquilo que pode ser benéfico para a equipa;
- Identificar aspetos importantes na melhoria dos momentos de jogo da equipa;
- Conhecer o modelo de jogo da equipa técnica, sistemas táticos, organização ofensiva e defensiva, e transições para uma recolha e análise mais eficiente;
- Adquirir estratégias de recolha, observação e análise de dados;
- Explorar *softwares* de Observação e Análise de jogo (*Longomatch*);
- Trabalhar na edição de vídeos e apresentar à equipa técnica e jogadores (*Freemake Vídeo Converter* e *Corel VideoStudio X10*);
- Acompanhar as observações/filmagens *in loco*;
- Recolher e analisar dados nas observações/filmagens *in loco*;

- Elaborar relatórios escritos e vídeo de observação externa e interna, individuais e coletivos, de forma estruturada.

1.3 Estrutura do Relatório

O relatório de estágio profissionalizante encontra-se estruturado em 6 capítulos. No primeiro capítulo faz-se uma breve introdução aos temas abordados, e a sua importância, objetivos e as expectativas do treinador estagiário.

No segundo capítulo encontra-se a contextualização da prática, onde se realiza uma revisão de literatura de vários temas: O jogo de futebol; ensino da dimensão tática no futebol; a tática e a observação, análise e interpretação do jogo, onde se explora vários subtemas como: a observação; a análise; a importância do observador/analista e as suas competências; os sistemas de jogo e os momentos de jogo. Continuando depois com uma contextualização da instituição onde se realizou o estágio profissionalizante, o Santiago Mascotelos FC, em específico o escalão de Juniores C (Sub.15).

No terceiro capítulo descreve-se a prática profissional, demonstrando de que forma foi realizado o processo de estágio e características do modelo de jogo, o Macro ciclo, micro ciclo e a unidade de treino, de que forma se realizavam os relatórios (coletivos e individuais), desde o seu processo ao material e programas utilizados. No quarto capítulo abordou-se o desenvolvimento profissional onde se fez uma reflexão e autocritica a todo o processo, passando pelos objetivos e expectativas iniciais e o seu cumprimento ou não.

No quinto capítulo surgem as conclusões e perspetivas futuras do treinador estagiário. E no sexto capítulo estão contempladas as referências bibliográficas utilizadas para suportar todo o relatório.

2. Contextualização da Prática

2. Contextualização da Prática

Neste capítulo contextualiza-se o estágio profissionalizante efetuado em 3 vertentes: o macro contexto, o contexto legal e o contexto institucional. O primeiro, onde se realiza revisão de literatura sobre alguns temas como o jogo de futebol, o ensino da dimensão tática no futebol, a tática e a observação e análise e interpretação do jogo. Outra vertente trata-se do contexto legal e institucional e por fim a caracterização da instituição e do escalão no qual decorreu o estágio.

2.1 Macro contexto – Observação, Análise e Interpretação do jogo de Futebol

2.1.1 O Jogo de Futebol

O Futebol é uma modalidade desportiva incorporada nos jogos desportivos coletivos (JDC). Os JDC segundo Teodorescu (1997), caracterizam-se por períodos e ciclos que se apresentam de modo alternado, através de solicitações e efeitos cumulativos morfológico-funcionais e motores e pelo constante recrutamento da parte psicológica do praticante. Como se fala de um tipo de jogos em que acontecem diferentes atividades e momentos com enorme frequência, com aleatoriedade e complexos dificilmente antecipados (Metzler, 1987), o plano estratégico-tático importa uma maior importância como podendo ser um fator decisivo do jogo (Deleplace, 1994; Garganta, 1997).

Os JDC contemplam: um modelo de jogo que se pretende implementar na equipa; o conflito entre uma equipa e os adversários; a imprevisibilidade e a variabilidade do ambiente onde as ações do jogo se desenvolvem; e características de decisão, perceção e motoras para pôr em práticas nesses mesmos contextos (Garganta, 2006). O Futebol não se caracteriza apenas como um JDC, mas também como parte integrante da educação física e desportiva, uma disciplina de ensino e também uma área de exploração e aplicação da ciência (Garganta, 1997).

Garganta e Pinto (1994) mencionam algumas particularidades que

distinguem o futebol dos restantes desportos coletivos: dimensões do campo; número de jogadores e a duração.

O jogo de futebol, define-se por intervenientes agrupados em duas equipas que têm uma ligação de adversidade e superação desportiva, com o objetivo de terem a posse da bola e de fazer golo na baliza adversária e evitar sofrer na sua baliza de forma a alcançar a vitória (Castelo, 2009). Podemos definir também como sendo um desporto de cooperação/oposição onde se utiliza um espaço comum e com ações de invasão ao espaço adversário envolvendo um ambiente onde não se conseguem prever essas mesmas ações (Pinto, 2007).

Podemos afirmar que o Futebol, em grande parte do seu tempo de jogo, se traduz em momentos de cooperação e de oposição, envolvendo dinâmicas, ações e interações dos atletas com um propósito comum, marcar golo na baliza adversária e não permitir o golo na sua (Araújo, 2005).

Garganta (2005, pp. 179-190) sugere que uma ação individual se deve à interação com os restantes elementos no jogo, sendo que as relações entre estes, se sobrepõem à capacidade individual de cada um. Para Garganta (2004, p. 217) as competências dos jogadores e das equipas nos JDC passam por vários níveis de organização, tendo em conta o seu envolvimento no jogo.

Segundo o mesmo autor, para perceber o jogo, devemos então atender a toda a sua sofisticação, passando pela eficiência e eficácia dos atletas e das equipas em todos os momentos de jogo, ainda que tenham regras e princípios pelos quais se têm de reger, deixa em aberto a capacidade de evolução e desenho de novas ideias. No fundo os jogadores têm autonomia e características próprias que podem ser responsáveis pela multiplicidade de novos acontecimentos. No jogo de futebol constantemente surgem problemas aos quais os jogadores estão sujeitos em que muitas vezes não se podem prever uma vez que se deparam com algumas restrições relacionadas com a prática em si (tempo; espaço; bola; adversários), do ambiente (adeptos, local, psicológico) e de características inerentes a si (capacidade, controlo emocional).

É, portanto, fundamental que os jogadores estejam constantemente envolvidos no jogo de forma a cumprirem com o plano estratégico-tático, e este envolvimento depende muitas vezes da perceção e do conhecimento que o atleta

tem do jogo, por experiência, por formação ou aprendizagem (Garganta & Cunha e Silva, 2000).

O desenvolvimento do jogo de futebol ao longo dos anos, as diferentes ações que ocorrem e até mesmo a inovação de novas ações por parte dos treinadores e jogadores, levam a esta busca por formar jogadores inteligentes, capazes de em tempo real tomarem as melhores decisões para contornar os problemas que surgem ao longo do jogo recorrendo às suas habilidades técnicas e percepção do ambiente que o envolve, podendo por vezes antecipar algumas ações não só dos colegas como também dos adversários (Casanova, 2012; Matias & Greco, 2010).

2.1.2 Ensino da Dimensão Tática no Futebol

O Futebol é uma das modalidades com maior impacto social e a mais praticada por adultos e crianças de forma organizada em todo o mundo (Federação Internacional de Football Association, 2020). Apesar disso, é também uma das modalidades organizadas em que mais crianças entre os 9 e os 13 anos desistem (Møllerlækken et al., 2015). Isto deve-se em grande parte ao excesso de ênfase da execução técnica, baixa taxa de sucesso e a falta de autonomia atribuída e motivação experienciadas pelas crianças durante os treinos (Deprez et al., 2015; Gjesdal et al., 2019; Møllerlækken et al., 2015).

O ensino dos JDC, de uma forma mais tradicional focou-se mais em simplificar a essência de algo complexo, abordando mais os aspetos técnicos, ou seja, o “como fazer”. Desta forma procuram isolar os comportamentos simples e técnicos e a partir do ganho dessas habilidades e capacidades técnicas, passariam para a parte de compreender o jogo no seu formato complexo, abordando os conceitos técnicos e táticos de forma separada (Mesquita et al., 2009; Mesquita, 2013; Reverdito & Scaglia, 2009).

O treino com abordagem analítico-sintética é um desses princípios da abordagem mais tradicional, em que o atleta primeiro tem o contato com a parte técnica que envolve o jogo, em que repete um elevado número de vezes para aperfeiçoar essas habilidades. Esta abordagem analítica foca-se então na

repetição como forma de melhorar as ações técnicas e motoras como potencial catalisador do desempenho do atleta em que após desempenhar de uma forma satisfatória para o treinador/professor o atleta passa a praticar um novo movimento (Dietrich et al., 1984).

Garganta (1998) reporta que estas abordagens tradicionais retiram grande parte da possibilidade de o atleta desenvolver a sua capacidade de resolução de problemas, situações de confronto e de desenvolvimento uma vez que não tem estímulos para tal, pois com a abordagem anteriormente referida, passam por um processo automatizado não favorável à evolução enquanto “ser pensador”, discriminando a importância da tomada de decisão (boa ou má) do jogador.

Segundo o mesmo autor, as abordagens holísticas vêm sendo a nova forma de ensino nos JDC, uma vez que integram a dimensão tática do jogo, permitindo ao jogador perceber o “como fazer” e o “porquê de se fazer”, uma vez que encontram conectados com constantes interações (Mesquita, 2013; Mesquita et al., 2009; Casanova, 2012). O desenvolvimento da técnica dos jovens, acontece como resultado da compreensão que têm do jogo, das suas regras, e a forma como utilizam capacidades e habilidades motoras para resolver uma problemática causada pela tática (Dietrich et al., 1984). Para os autores Holt et al. (2002, p. 173) os *“princípios táticos do jogo devem ser parte importante do processo de ensino e treino”*.

Não quer com isto dizer que a técnica possa ser negligenciada na formação das crianças e jovens, uma vez que existe essa relação entre a tática (tomar decisões) e a técnica (de que forma as põe em prática) (Araújo et al., 2006; Mesquita, 2005).

O treino de jovens deve ter em conta as duas vertentes, domínio técnico e tático, sendo que se deve proporcionar um contexto ajustado para a abordagem de princípios táticos com o intuito dos atletas tomarem as melhores decisões ou então pouco sentido terão as execuções técnicas (Mesquita, 2005).

Segundo Costa et al. (2011, p. 80) é *“essencial para o desempenho do atleta compreender as problemáticas do jogo e ele próprio pensar em formas de as superar e depois passar à prática”*.

É importante os jogadores conseguirem detetar com alguma facilidade as diferentes situações de jogo, para que consigam ter respostas mais rápidas e eficazes quando solicitados a intervir (Gréhaigne et al., 1997). Associando as respostas rápidas e eficazes ao facto de não ser possível uniformizar as sequências de ações realizadas nos treinos, é importante que o ensino e o treino sejam baseados em princípios de jogo (Castelo, 1994). De forma a solucionar as situações de jogo de forma mais eficiente, os princípios táticos devem ser acrescentados aos programas de ensino e treino (Costa et al., 2009). Estes princípios, aliados à interação coletiva dos atletas e a forma como o fazem em contexto de jogo, transformam-se no modelo de jogo e por essa razão se considera que os princípios táticos fornecem aspetos positivos no desempenho dos atletas e das equipas, quando bem introduzidos no processo de ensino e treino (Kirk, 1983).

Parece então haver um acordo entre os autores Silva e Greco (2009) quanto à importância do ensino e treino baseado em metodologias que promovem o desenvolvimento do conhecimento tático e inteligência do atleta em relação ao jogo.

Corroborando a ideia da importância dos aspetos táticos, alguns autores consideram existir três constrangimentos específicos do jogo de futebol: 1) grande parte das ações acontecem sem que o atleta tenha efetivamente contato com a bola; 2) os atletas limitados no que diz respeito ao domínio das habilidades técnicas conseguem jogar se dispuserem de um nível aceitável de conhecimento tático e 3) os atletas com pouco conhecimento tático podem não conseguir operacionalizar as habilidades técnicas mais adequadas ao momento (Garganta, 2006; Greco, 2006; Mesquita et al., 2005).

2.1.3 A Tática

A tática é a aplicação de uma estratégia que com o decorrer do jogo exprime-se através de ações passíveis de observação e que derivam de um processo estratégico que pressupõe conhecimento e informação (Garganta & Oliveira, 1996).

Na atualidade, a tática define-se por uma gestão face a situações que envolvem um confronto, ou uma situação onde se “luta” por um objetivo tendo uma oposição, conforme acontece no desporto em geral (Garganta, 1997). O mesmo autor afirma ainda que na tática podemos verificar 3 aspetos característicos: o contacto entre colegas de equipa e adversários; a necessidade da execução da estratégia e a sua direção; e a estreita dependência da estratégia.

Falando especificamente da modalidade de futebol, a tática junta a resolução de problemas que surgem durante o jogo e acontecimentos que obrigam à adaptação das ações individuais e coletivas e ainda ofensivas ou defensivas, relativamente à estratégia pré-definida (Castelo, 1994). Tendo em conta esse conceito, a dimensão tática é uma alavanca para o processo de treino, sendo segundo Guilherme (2004), a dimensão que une e dá um sentido e lógica às restantes dimensões (técnica, física e psicológica) uma vez que aparece com a interação destas.

Quando analisado o comportamento tático, este conceito de tática foi definido por diferentes autores como ações dos atletas originadas pela adaptação à característica dinâmica do jogo e das suas situações (Gréhaigne, 1999; Memmert, 2019). Estes autores distinguem ainda a tática da estratégia, afirmando que a grande diferença entre estas é a sua relação temporal, isto é, a estratégia permite um planeamento antecipado enquanto que a tática é feita sobre um período curto e de pressão.

Sabendo da importância da dimensão tática nos JDC, perto dos anos 90, ao serem identificadas ações regulares efetuadas pelos atletas e equipas, apareceu uma enorme procura e interesse em estudar e investigar este fenómeno (Garganta, 1997; Gréhaigne, 1989; Hernandez Mendo, 1996).

2.1.4 Observação, Análise e Interpretação do Jogo

O estudo do jogo de futebol com uma perspetiva da observação das ações das equipas e dos seus jogadores, já é feito há algum tempo. Podemos encontrar nos mais variados estudos sobre esta área, algumas denominações como:

observação do jogo (*game observation*), análise do jogo (*match analysis*) e análise notacional (*notational analysis*) apesar disso a designação mais usada na literatura é a análise do jogo (Garganta, 1997) que envolve a observação dos acontecimentos, a notação de dados e a interpretação dos mesmos.

Para os autores Bacconi e Marella (1995, pp. 17-28) a observação do jogo *“limita-se apenas à recolha de dados in loco, enquanto que a análise se trata da recolha de dados no pós jogo sendo uma parte importante uma vez que a recolha de dados na observação pode conter erros e o processo de análise permite corrigir”*.

A observação e análise do jogo permite perceber e reconhecer variáveis que condicionam a performance dos atletas e das equipas, podendo influenciar no planeamento do treino (Borrie, et al., 2002; Castelo, 2009; Garganta, 2007; Lago, 2009) e a gestão das equipas durante a competição (Garganta, 2007), uma vez que através de OAJ efetuadas anteriormente, podem antecipar ou recriar panoramas no futuro (McGarry et al., 2002). Na observação e análise é importante não só observar e avaliar os jogadores com bola e que estão ligados à ação, mas também os jogadores que não têm posse de bola nem estão incorporados no momento de jogo em si (Oslin et al., 1998).

Todo o processo de obtenção, tratamento e análise dos dados, assume cada vez mais o seu estatuto de fator importante na potencialização das equipas e dos seus atletas (Garganta, 2001). O mesmo autor afirma ainda que *“os observadores e analistas pretendem desenvolver melhores métodos e ferramentas para obterem a melhor informação possível sobre os jogos, neste sentido, o processo de Observação e Análise (OA) tem assistido a uma crescente evolução a nível de ferramentas e sistemas”*. Atualmente, com o evoluir das tecnologias, os observadores/analistas e treinadores, procuram através da OAJ, obter mais conhecimentos sobre o jogo e traduzirem esse conhecimento em melhorias na performance da sua equipa e dos jogadores. Considera-se a recolha de informação a partir da análise do comportamento dos jogadores em ambiente de treino e competição como uma variável que afeta a aprendizagem e a eficácia da ação desportiva (Blomqvist et al., 2005).

2.1.4.1 A Observação do Jogo

A observação no desporto em geral pode ser importante se for concretizada com objetividade, de forma rigorosa e com o devido processamento (Leitão & Campaniço, 2009). A observação pode ser definida como um misto de operações através das quais o modelo utilizado na análise passa por um teste onde é confrontado pelos dados obtidos (Guilherme et al., 1999). Quando falamos em observação, não falamos apenas para o ato de olhar para algo, mas sim atribuir um significado ao que estamos a observar, no fundo é um “olhar” atento e propositado sobre uma ação, pessoa, objeto ou outras em que o observador consegue ainda selecionar que informação considera importante reter. Como falamos de um procedimento de cariz humano, podemos dizer que as vivências, conhecimentos, expectativas, respostas e interpretação variam de pessoa para pessoa, ou seja, é um processo muito próprio (Sarmiento, 2004) e por vezes não imparcial e isso deve-se ao facto de quem observa ser também considerado uma das barreiras da observação (Blanco-Villaseñor & Anguera, 2003; Blanco-Villaseñor et al., 2003; Sarmiento, 2004).

O mais importante, primeiro que tudo, é saber o que se quer observar, uma vez que nos permite descrever de uma forma mais objetiva o que acontece, para depois podermos analisá-la e separar aquilo que “vemos” do que realmente nos importa (Anguera, 2003b). Para Anguera (1998) a observação dependerá interação de três aspetos fundamentais: perceção, que se trata da junção de frações de um certo contexto formando uma imagem que permite ao observador saber o que acontece, podendo estar limitada pela atenção ou pela aptidão para processar informação; interpretação, que se expressa como o que foi entendido pelo observador, em função do contexto e objetivos em que se concretiza a observação; e o conhecimento prévio, em que este pode ser visto de duas formas: por um lado mais positivo, em que o observador devido a esses conhecimentos consegue identificar e selecionar mais eficaz e mais rapidamente o que pretende observar ou pelo contrário, em que o observador por ter essa bagagem de conhecimentos e vivências, pode restringir (conscientemente ou não) a interpretação do que observa.

A realização da observação no processo de análise de jogo é de extrema

importância atendendo ao referido anteriormente. Segundo Garganta (1998) o processo do planeamento de treino nos JDC, deve em grande parte se apoiar nas informações que advém do jogo, uma vez que se realiza uma análise ao rendimento, a observação deve ser uma tarefa realizada com o maior rigor possível já que é através dela que grande parte das vezes se define o que a equipa ou o jogador deve melhorar, ou o que se deve privilegiar no treino (Carling, et al., 2005). Os mesmos autores afirmam ainda que existe um ciclo de treino (conforme figura x) onde a OA tem um papel preponderante.

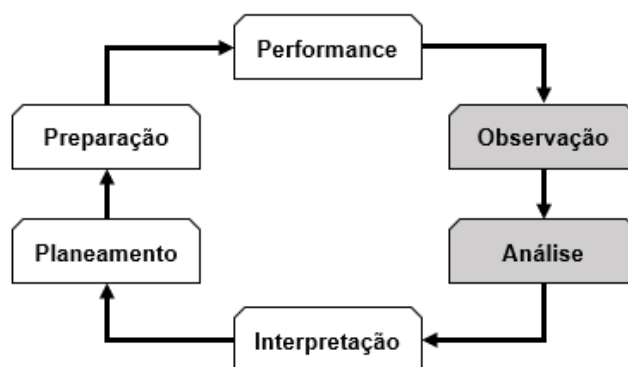


Figura 1 - Ciclo de Treino, Papel da Observação e Análise (adaptado de Carling et al., 2005)

2.1.4.2 A Análise do Jogo

A análise do jogo (AJ) tem como objetivo principal, munir o treinador com informação e dados sobre o desempenho da equipa e dos jogadores (Carling et al., 2009; McGarry & Franks, 1996). Já no início do milénio, o autor Garganta (2001) afirmou a importância que a análise do jogo poderia ter no panorama da investigação e estudo, quando aplicada no contexto dos jogos desportivos. Através da AJ é possível identificar momentos e ações que condicionam a performance do atleta ou da equipa, de forma positiva ou negativa, desta forma e com essa informação, o treinador pode planejar um microciclo ou unidade de treino de encontro ao que pretende melhorar ou introduzir no modelo de jogo e nos seus princípios (Borrie, et al., 2002; Garganta, 2007; Lago, 2009a).

Neste sentido, a AJ auxilia o analista e o treinador a retirarem conclusões de ações e momentos passados de forma a tentar intervir nessas mesmas ações no futuro com o intuito de melhorar (“ações menos positivas”) e por outro lado no sentido de incentivar o atleta a continuar a ter esses comportamentos (no caso

de “ações positivas”) (McGarry et al., 2002). Este processo nem sempre é tão linear como se possa pensar, uma vez que, afirma Lames (2003) falámos de um jogo imprevisível, sem ações pré-definidas e com oposição, desta forma é importante tentar identificar padrões e comportamentos mais regulares nos jogadores e nas equipas, para traçar uma imagem daquilo que podemos afirmar como sendo o modelo de jogo da equipa (McGarry et al., 2002; Garganta, 2007).

Vários autores afirmam ainda que existem variáveis que devem se ter em conta quando analisámos um jogo, tais como: o resultado no momento, o ambiente, o terreno de jogo e a equipa adversária (Dellal et al., 2011; Lago, 2009; Lago & Martín, 2007; Marcelino et al., 2011; Taylor et al., 2008).

Muitas vezes os treinadores recorrem a análises dos jogadores adversários de forma a perceber quais os pontos fortes e fracos da equipa e delinear uma estratégia para explorar esses pontos fracos e por um lado estar preparado para contrariar os pontos fortes (Ventura, 2011). No entanto os treinadores não recorrem apenas à análise individual dos jogadores da equipa adversária, mas também da sua própria equipa, afirma Borrie (1996, pp. 243-272) que *“conhecer os nossos jogadores e as suas características pode ser determinante para uma intervenção adequada de acordo com as restantes dimensões técnicas, físicas e psicológicas”*.

É sabida a importância atribuída à AJ para retirar informações sobre os comportamentos de uma equipa ou de um jogador, externa ou internamente, por isso neste momento os treinadores e analistas procuram os melhores métodos e ferramentas para tornar mais eficaz e eficiente esse processo (Lames & Hansen, 2001).

2.1.4.3 A Importância do Observador/Analista

Um observador/analista do jogo, deve ver o jogo e interpretá-lo conforme o que o treinador pretende, ou seja, saber das ideias de jogo e do modelo de jogo (Guilherme, 2012; cit. por Sarmiento, 2012). É importante que o observador/analista possua conhecimento profundo do jogo e do modelo de jogo da sua equipa para realizar uma boa e eficaz AO qualitativa e para interpretar o

jogo (Garganta, 2008), sendo que esse conhecimento pode derivar da formação acadêmica, investigação, mas acima de tudo pelos anos de experiência (Knudson & Morrison, 2002). Para além disso, deve ser alguém capaz de acompanhar a evolução tecnológica e científica da área, uma vez que atualmente as tecnologias apresentam um papel fundamental na análise de dados e na captação (filmagens dos jogos) e edição de vídeo (apresentação da análise e interpretação). Os autores Carling, et al. (2009, cap. 4), corroboram essa afirmação dizendo que *“o vídeo é agora a ferramenta mais utilizada para a captação, análise, avaliação e apresentação dos dados e da performance desportiva coletiva e individual”*. Autores como Kormelink e Seeverens (1999) também consideram que a combinação de vídeo com softwares de seleção de imagens, assumem um papel importante na AJ.

Apesar da existência destas novas ferramentas tecnológicas, continua a ser importante o conhecimento e as características do observador/analista a interpretação das ações observadas e as experiências passadas têm também um grande peso na qualidade e eficácia da OAJ, uma vez que dois observadores diferentes com as mesmas ferramentas podem analisar e interpretar uma situação de jogo de maneira diferente (Castellano et al., 2008).

Num estudo realizado por Sarmento (2012) os treinadores afirmaram que quando têm um observador/analista, procuram que este profissional tenha um grande conhecimento do jogo e ideias idênticas às deles próprios, uma tarefa que é complicada uma vez que para terem “um olhar sobre o jogo” idêntico, são precisos anos de experiência, anos de trabalho em conjunto e formações entre treinadores e observadores/analistas.

Os treinadores consideram que deve ser realizado um trabalho rigoroso sobre a análise dos adversários e por uma pessoa da sua confiança, já que nem sempre conseguem ter tempo de observar e analisar eles próprios (Hughes & Franks, 2004a). Consideram ainda extremamente importante que o profissional esteja no campo, ligado ao processo, planeamento e aos exercícios de treino, para que possa entender *in loco* o modelo de jogo da sua equipa, para depois poder refletir e propor estratégias que acredite serem importantes usar contra o adversário, uma vez que ele será quem melhor conhece a equipa opositora

(Garganta, 1997; Lago & Martin, 2007). Os treinadores recorrem ainda aos seus observadores/analistas para fazerem trabalho de análise à própria equipa com o intuito de avaliar o trabalho que estão a desenvolver, como na introdução de novos princípios de jogo (Wooden, 1988). O próprio analista muitas vezes faz um trabalho de prospeção e de identificação de potenciais jovens talentos e cada vez mais esse trabalho se faz desde os escalões de base, de forma a anteciparem-se aos seus rivais (Ventura, 2013). Após algumas entrevistas a treinadores de topo, Ventura (2013) concluiu que alguns dos parâmetros que segundo estes treinadores o analista deve ter em atenção e identificar nos adversários são: a) o modelo de jogo; b) comportamentos nos momentos do jogo; c) substituições mais usadas e que alterações provocam na forma de jogar; d) o comportamento da equipa consoante o resultado; e) se o jogo é em casa ou fora; e f) identificar pontos fortes e fracos a nível individual.

2.1.4.4 Os Momentos do Jogo

Atualmente pensa-se que o jogo de futebol pode ser partido em quatro momentos dinâmicos: 1) momento ofensivo; 2) momento defensivo; 3) transição ofensiva e 4) transição defensiva, podendo ter ainda os esquemas táticos (Guilherme, 2006). É importante durante a OA recolher informação sobre estes momentos e saber identificar a transição de um para outro. É importante evidenciar o porquê dos momentos de jogo e não das fases (Guilherme, 2004). O mesmo autor afirma que as fases são sequenciais, sendo uma e depois outra e assim sucessivamente, uma vez que se diz que o jogo apresenta quatro momentos, eles não aparecem de forma sequencial, ou seja, não mantêm uma ordem em específico.

2.1.4.4.1 Organização Defensiva

Uma equipa está em fase defensiva quando não tem a bola, mas procura através de comportamentos e ações individuais e coletivas a recuperação da mesma, sem que sejam infringidas as leis de jogo e com o objetivo de evitar sofrer

golo na sua baliza (Teodorescu, 1984). Já Garganta (2006, p. 201) afirma que *“uma equipa está em fase defensiva quando não tem a posse de bola, mas desenvolve comportamentos e ações com o objetivo de a ter em sua posse, enquanto tenta impedir os adversários de criar oportunidades para finalizar ou marcar golo”*. O momento de organização defensiva caracteriza-se pelas ações e comportamentos que a equipa apresenta quando não tem posse de bola com o intuito de se organizarem de forma a evitar que o adversário consiga criar situações de perigo ou mesmo marcar golo (Guilherme, 2004).

2.1.4.4.2 Organização Ofensiva

Dizemos que uma equipa está em fase ofensiva quando se encontra com a posse de bola e utilizando ações e comportamentos individuais e coletivos, tenta marcar golo na baliza do adversário (Teodorescu, 1984). A organização ofensiva define-se pelos comportamentos que uma equipa apresenta quando tem a posse do esférico e cria situações de golo” (Guilherme, 2004). Já Garganta (2006, p. 201) diz que *“uma equipa está em momento de ataque quando tem a bola na sua posse e tenta conservá-la e em simultâneo procura criar situações para finalizar”*.

2.1.4.4.3 Transições Ofensivas e Defensivas

As transições são caracterizadas por momentos em que surge uma alteração rápida e eficaz de comportamentos, de forma a tentar apanhar o adversário em contrapé e desorganizado (Garganta, 2006). O mesmo autor diz que a transição defesa-ataque surge quando a equipa ganha a posse de bola e a transição ataque-defesa surge quando perde a posse, em ambas deve existir uma mudança de momento rápido (Guilherme, 2004).

2.2 Contexto legal

O estágio foi realizado no âmbito do 2º Ciclo em Treino Desportivo, especialização em Treino de Jovens, pela Faculdade de Desporto da Universidade do Porto (FADEUP), tendo sido o Santiago Mascotelos FC a

instituição de acolhimento, no escalão de Iniciados, que competiu na Série B da 1ª Divisão da AF Braga.

O estágio realizou-se entre setembro de 2019 e março de 2020. A semana de treinos era composta por 3 unidades de treino com duração de 90 minutos, adicionando o tempo envolvido em competição. Em termos de trabalho de campo propriamente dito, presença em treinos e jogos, fez-se cerca de 6 horas de trabalho por semana. Com os trabalhos de análise e interpretação a serem continuados fora do tempo de treino e de jogo, de forma a preparar o planeamento da semana de treinos e o jogo, foram sempre realizadas mais do que as 6h de trabalho.

A realização deste estágio deveu-se ao fato de ter sido proposto o desempenho da função de treinador adjunto e observador/analista na equipa sénior, e com a possibilidade de acumular a função de observador/analista na equipa de iniciados, a frequentar a 1ª Divisão da AF Braga na série B. Foi uma decisão tomada facilmente, porque houve a oportunidade de trabalhar novamente (tanto na equipa sénior como na equipa de iniciados) com treinadores com quem já havia trabalhado noutros clubes embora nessa experiência sem observação e análise do jogo.

2.3 Contexto institucional

2.3.1 História

À data da sua fundação, 05/10/1980, o Santiago de Mascotelos FC tinha o nome de Grupo Recreativo Cultural e Desportivo de Santiago de Candoso. É um clube do concelho de Guimarães localizado a cerca de 3km do centro da Cidade.

Inicialmente era um clube de atletismo, mas atualmente apenas conta com a modalidade de futebol. Na época de 2005/2006 formaram a equipa de futebol inscrevendo-se na 2ª divisão da Associação de Futebol Popular de Guimarães, alcançando a subida na época a seguir (2006/2007). Desde então participaram na 1ª divisão até à época 2014/2015 sem nunca terem sido campeões, mas sempre alcançando bons resultados.

Aproveitando uma reforma administrativa nacional que uniu as freguesias de Santiago de Candoso e Mascotelos, e que se tornaram na União de Freguesias de Candoso São Tiago e Mascotelos. Em 2013, alterou a sua designação para o atual nome (Santiago Mascotelos FC), embora seja reconhecido na AF Braga por ambas as designações.

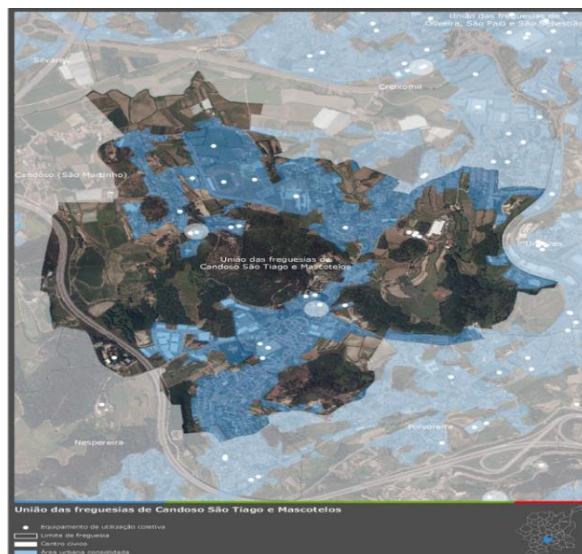


Figura 2 - União de Freguesias de Candoso São Tiago e Mascotelos

É, portanto, um clube associado à Associação de Futebol de Braga desde 2015, onde disputa atualmente o Campeonato Distrital - 1ª Divisão, após descida na época 2018/2019 do Campeonato Distrital - Divisão de Honra. Desde então, a equipa conta com 2 subidas e 2 descidas, e 1 título de campeão na época de estreia na 1ª Divisão – Série D. A nível desportivo na equipa sénior, o objetivo da direção é subir novamente à Divisão de Honra do Campeonato Distrital, divisão mais acima onde conseguiu estar.

2.3.2 Infraestruturas

O clube dispõe de dois campos, um campo de futebol de 11 e um campo de futebol de 7, ambos de relvado sintético (ambos os pisos com menos de 5 anos). O campo de futebol de 11 foi ainda alvo de intervenção há cerca de 4 meses, onde foi colocada uma nova iluminação que permite agora fazer jogos

em horário mais tardio (principalmente em época de inverno). O campo de futebol de 7 (campo com cerca de 5 anos) permite uma melhor organização na logística da distribuição dos escalões pelos dias e horários de treino.



Figura 3 - Campos Santiago Mascotelos FC

Tem ainda 5 balneários, sendo um deles para a equipa sénior, três para os escalões de formação e um para os treinadores. O clube dispõe também de um gabinete administrativo/técnico, sala de fisioterapia e reforço muscular, lavandaria e armazém do material e o bar do clube.



Figura 4 - Infraestruturas de Apoio

2.3.3 Futebol de Formação

O SMFC é um clube que conta com 39 anos de história, mas devido ao seu passado relacionado ao atletismo e não ao futebol, enquanto clube de futebol podemos dizer que é um clube jovem, prestes a fazer 15 anos ligado ao futebol. Por isso, o Santiago apenas dispõe de escalões de formação há 5 anos onde já conquistou um título no escalão de Iniciados na 1ª divisão distrital de

Braga.

Esta aposta feita pelo atual Presidente e Vice-Presidente, deriva de uma ideologia de ambos para dar, não só dinamismo, mas trazer a juventude à freguesia. Aproveitando a sua localização perto da cidade, o objetivo da formação é abranger todas as crianças dessa freguesia e freguesias em volta, até que o clube seja visto como uma referência em todo o concelho.

Quadro 1 - Dados estatísticos e população (fonte: www.ufsantiagomascotelos.pt)

Indivíduos			
População residente		Homens	Mulheres
3794		1874	1920

Grupos etários			
0-14	15-24	25-64	65 ou mais
671	493	2288	342

Desde então que o clube já conta com cerca de 150 atletas com faixa etária entre os 5-18 anos. Todos os anos o clube consegue ter pelo menos uma equipa por escalão.

2.3.3.1 Organigrama Escalões de Formação

Quadro 2 – Organigrama dos Escalões de Formação

Coordenação	
Coordenador Formação	Coordenação
Futebol de 11	
Diretor Técnico	Juniiores
Treinador Principal	
Treinador Adjunto	
Treinador Adjunto	
Futebol de 11	
Diretor Técnico	Juvenis
Treinador Principal	
Treinador Adjunto	
Treinador Adjunto	
Futebol de 11	
Diretor Técnico	Iniciados
Treinador Principal	
Treinador Adjunto	
Treinador Adjunto	
Observador/analista	
Futebol de 9	
Diretor Técnico	Infantis
Treinador Principal	
Treinador Adjunto	
Futebol de 7	
Diretor Técnico	Benjamins
Treinador Principal	
Treinador Adjunto	
Futebol de 7	
Treinador Principal	Traquinas
Treinador Adjunto	
Futebol de 7	
Treinador Principal	Petizes
Treinador Adjunto	

2.3.3.2 Objetivos de Formação

Os objetivos do Santiago na formação são formar e inculcar valores que consideram ser indispensáveis à formação das crianças, não só enquanto atletas, mas enquanto pessoas. Inculcar aquilo que consideram ser valores indispensáveis à formação dos mesmos.

Um dos grandes objetivos institucionais foi o de alcançar a certificação enquanto entidade formadora e para isso a direção e coordenação apostaram cada vez mais em selecionar de forma criteriosa os recursos humanos, com as devidas habilitações, para a partir daí poder construir uma base de dados que permita definir “o ponto de partida e de chegada”.

A direção tem também como objetivo conseguir a curto prazo construir 2 equipas por escalão no futebol de base (Petizes a Infantis) para a médio e longo prazo conseguir “alimentar” os escalões de futebol de 11 com plantéis mais competitivos.

Quadro 3 - Número de equipas e treinadores por escalão

Escalão	Nº Equipas	Nº Treinadores
Petizes	1	2
Traquinas	1	2
Benjamins	1	2
Infantis	1	2
Iniciados	1	3
Juvenis	1	3
Juniores	1	3

Um outro objetivo foi o de conseguir dar continuidade aos jogadores da formação para a equipa sénior, para isso, a coordenação trabalha num modelo de jogo transversal às equipas de futebol de 11 para que a transição de escalão não seja feita de forma abrupta e para que se possa dar seguimento ao trabalho

realizado na época anterior aproveitando os conceitos base dos princípios de jogo que o clube pretende implementar.

2.3.4 Histórico recente de classificações da equipa de Sub-15 do Santiago Mascotelos FC

O escalão de Iniciados disputa a 1ª Divisão da Série B da AF Braga. Esta competição conta com 14 equipas, com jogos fora e casa, subindo as duas primeiras classificadas e descendo as 3 últimas.

Na época 18/19, a equipa alcançou o 9º lugar da competição, atingindo assim o objetivo de manutenção. Mantendo esse mesmo objetivo para a época de 19/20, apesar de toda esta nova situação foi vivida, aquando da paragem dos campeonatos, a equipa ocupava o 9º lugar, assegurando novamente o objetivo proposto.

Em comparação estatística com a época anterior, podemos verificar que apesar da paragem do campeonato a 8 jornadas do fim, a equipa tinha marcado 31 golos, mais que na época anterior (29), tinha menos 13 golos sofridos e apenas menos 4 pontos que a classificação final da época 18/19 (28 pontos) aparecendo então em 9º com 24 pontos.

Quadro 4 - 1ª Divisão da AF Braga de Juniores C (Sub-15) - Série B – 2018/2019
(fonte: www.zerozero.pt)

		P	J	V	E	D	GM	GS	DG	
1	GD Joane	60	24	19	3	2	60	12	+48	+
2	Ribeirão 1968 FC	47	24	12	11	1	50	23	+27	+
3	Amigos de Urgeses	46	24	13	7	4	51	28	+23	+
4	Moreirense	44	24	13	5	6	34	18	+16	+
5	OFC Antime	36	24	10	6	8	30	33	-3	+
6	Vizela	33	24	9	6	9	34	26	+8	+
7	Arões SC	32	24	9	5	10	37	48	-11	+
8	Desp. Ronfe	30	24	9	3	12	29	41	-12	+
9	Santiago Mascotelos	28	24	7	7	10	29	41	-12	+
10	Caç. Taipas	25	24	7	4	13	48	45	+3	+
11	CD Lousado	20	24	5	5	14	26	56	-30	+
12	Fafe	19	24	5	4	15	26	56	-30	+
13	Academia Elite Sport	13	24	3	4	17	23	50	-27	+
14	Bairro FC	0	0	0	0	0	0	0	0	+

Quadro 5 - 1ª Divisão da AF Braga de Juniores C (Sub-15) - Série B – 2018/2019
(fonte: www.zerozero.pt)

CLASSIFICAÇÃO

		P	J	V	E	D	GM	GS	DG	
1	Desp. Ronfe	41	18	13	2	3	44	12	+32	+
2	CD Lousado	40	18	12	4	2	51	26	+25	+
3	OFC Antime	39	18	12	3	3	41	19	+22	+
4	Ases Sta. Eufémia	34	17	10	4	3	35	18	+17	+
5	Moreirense B	31	18	9	4	5	41	22	+19	+
6	U. Torcatense	30	17	9	3	5	35	34	+1	+
7	Os Sandinenses	28	18	8	4	6	43	35	+8	+
8	Brito SC	25	17	7	4	6	30	31	-1	+
9	Santiago Mascotelos	24	18	7	3	8	31	28	+3	+
10	FC Vizela B	22	18	7	1	10	39	36	+3	+
11	Pevidém SC	15	17	4	3	10	21	37	-16	+
12	Arões SC	13	18	3	4	11	20	34	-14	+
13	Amigos de Urgeses B	9	18	2	3	13	30	51	-21	+
14	Caç. Taipas B	0	18	0	0	18	10	88	-78	+

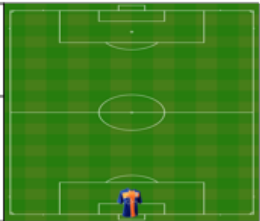
2.3.5 Caracterização da equipa de Iniciados do Santiago Mascotelos FC

No início da época criou-se uma pequena base de dados com o perfil de cada um dos atletas da equipa. Com entrada de uma equipa técnica nova e sem dados da época anterior, foi decidido que a melhor forma de conhecer o plantel seria criar estes perfis, e para no futuro também existirem dados no clube. Foram retiradas as seguintes informações: nome, data de nascimento, peso, altura, posição principal e secundária e pé dominante. Nesse mesmo perfil, foram acrescentados (no final da época) pontos fortes e fracos nas dimensões táticas, técnicas, psicológicas e físicas.

O plantel foi constituído por 19 jogadores, dos quais 12 cumpriam o 2º ano de Iniciados enquanto 7 o 1º ano.

2.3.5.1 Guarda-redes

Quadro 6 - Informação sobre o Jogador 1

Data de Nascimento	14/08/2005	 Pé Dominante	
Posição Principal	Guarda Redes		
Posição Secundária			
Peso (kg)	57,8		
Altura (m)	1,70		

Dimensão tática: Tem dificuldade em controlar a profundidade e raramente consegue dar coberturas aos defesas. Bom a progredir com bola contra blocos de pressão médios/baixos.

Dimensão técnica: Muito bom em jogo de pés e muito seguro a defender entre os postes.

Dimensão física: Muito ágil e boa impulsão.

Dimensão psicológica: Trabalhador e com muito espírito de entreajuda.

Quadro 7 - Informação sobre o Jogador 2

Data de Nascimento	04/02/2006	 Pé Dominante 	
Posição Principal	Guarda Redes		
Posição Secundária			
Peso (kg)	58,3		
Altura (m)	1,76		

Dimensão tática: Muito bom na perceção de espaço e no posicionamento. Algumas dificuldades no controlo de profundidade e em dar coberturas ofensivas.

Dimensão técnica: Dificuldade com bola nos pés. Tem de melhorar muito as saídas em bolas paradas. Muito bom no jogo de mãos.

Dimensão física: Muito ágil e alto. Alguma descoordenação nos membros inferiores.

Dimensão psicológica: Bom comunicador e sempre disponível para ajudar o grupo e líder em tarefas de logística.

2.3.5.2 Defesas Centrais

Quadro 8 - Informação sobre o Jogador 3

Data de Nascimento	19/08/2005	 Pé Dominante 	
Posição Principal	Defesa Central		
Posição Secundária			
Peso (kg)	58,9		
Altura (m)	1,68		

Dimensão tática: Forte em situações defensivas de 1x1, tem de melhorar o posicionamento nos diferentes momentos de jogo.

Dimensão técnica: Tem de melhorar a velocidade de reação. Forte no desarme e cabeceamentos.

Dimensão física: Rápido e forte. Tem alguma dificuldade na aceleração.

Dimensão psicológica: Alguma dificuldade em se concentrar.

Quadro 9 - Informação sobre o Jogador 4

Data de Nascimento	24/05/2005	 Pé Dominante	
Posição Principal	Defesa Central		
Posição Secundária			
Peso (kg)	57,5		
Altura (m)	1,69		

Dimensão tática: Melhorar o posicionamento quando em processo defensivo. Algumas dificuldades com bola em organização ofensiva. Muito bom em contenção.

Dimensão técnica: Forte no jogo aéreo e nos duelos. Tem de melhorar a nível de controlo de bola. Bom em passes curtos.

Dimensão física: Jogador alto, rápido e forte.

Dimensão psicológica: Trabalhador e com grande compromisso com a equipa.

Quadro 10 - Informação sobre o Jogador 5

Data de Nascimento	16/10/2005	 Pé Dominante	
Posição Principal	Defesa Central		
Posição Secundária	Pivô Defensivo		
Peso (kg)	53,2		
Altura (m)	1,60		

Dimensão tática: Bom posicionamento em todos os momentos de jogo. Tem de melhorar as coberturas defensivas.

Dimensão técnica: Bom com bola, muito forte em passes curtos e longos. Forte em jogo aéreo (apesar da altura). Tem de melhorar a velocidade de reação.

Dimensão física: Grande mobilidade, consegue elevar-se bem através do salto.

Dimensão psicológica: Bom comunicador, algum défice de concentração e pouco competitivo.

Quadro 11 - Informação sobre o Jogador 6

Data de Nascimento	08/12/2005	 Pé Dominante 	
Posição Principal	Defesa Central		
Posição Secundária			
Peso (kg)	60,4		
Altura (m)	1,72		

Dimensão tática: Tem dificuldades em proteger o espaço em profundidade e em dar coberturas defensivas. Bom em 1ª e 2ª fase em organização ofensiva.

Dimensão técnica: Bom controlo de bola, com qualidade de passe curto e longo. Tem de melhorar os duelos aéreos a nível de *timing* de salto e os duelos 1x1.

Dimensão física: Pouca velocidade, é alto, mas tem pouca impulsão.

Dimensão psicológica: Determinado e competitivo, mas comunica pouco em campo.

Quadro 12 - Informação sobre o Jogador 7

Data de Nascimento	13/06/2005	 Pé Dominante 	
Posição Principal	Defesa Central		
Posição Secundária			
Peso (kg)	56,6		
Altura (m)	1,71		

Dimensão tática: Bom posicionamento em processo ofensivo e defensivo. Tem dificuldades nas transições defensivas.

Dimensão técnica: Bom em duelos aéreos e agressivo sobre a bola. Forte nos duelos 1x1 defensivos. Bom em passes curtos, mas tem muitas dificuldades em passes longos. Lento em tomadas de decisão quando em posse de bola.

Dimensão física: Muito forte. Não é muito rápido.

Dimensão psicológica: Postura de lutador, não desiste facilmente.

2.3.5.3 Defesas Laterais

Quadro 13 - Informação sobre o Jogador 8

Data de Nascimento	30/07/2005	 Pé Dominante	
Posição Principal	Lateral Esquerdo		
Posição Secundária	Ala Esquerdo		
Peso (kg)	53,5		
Altura (m)	1,60		

Dimensão tática: Muito bom no processo ofensivo e transições ofensivas. Controla bem a profundidade defensiva.

Dimensão técnica: Bom controlo de bola, forte no drible, muito bom em interceções. Bom em cabeceamentos. Tem de melhorar nos duelos defensivos.

Dimensão física: Rápido e ágil. Não é muito forte e tem de melhorar o equilíbrio.

Dimensão psicológica: Comprometido, divertido e cumpridor de regras.

Quadro 14 - Informação sobre o Jogador 9

Data de Nascimento	05/11/2006	 Pé Dominante	
Posição Principal	Lateral Esquerdo		
Posição Secundária	Lateral Direito		
Peso (kg)	48,7		
Altura (m)	1,56		

Dimensão tática: Melhorar a nível de posicionamento em ações defensivas. Bom em sobreposições pelo corredor.

Dimensão técnica: Tem de melhorar o drible e as receções. Bom desarme e forte na antecipação. Muito bom a cruzar.

Dimensão física: Muito rápido e com poder de aceleração. Se melhorar a coordenação dos membros inferiores pode ainda ser mais rápido.

Dimensão psicológica: Perde a concentração com alguma facilidade e procura constantemente o feedback do treinador. Não é muito autónomo no que toca a tomar decisões.

Quadro 15 - Informação sobre o Jogador 10

Data de Nascimento	13/07/2006	 Pé Dominante 	
Posição Principal	Lateral Direito		
Posição Secundária	Ala Direito		
Peso (kg)	49,7		
Altura (m)	1,58		

Dimensão tática: Muito forte em ações ofensivas e na transição defensiva. Bom em desmarcações nas costas da defesa. A nível de organização defensiva tem algumas dificuldades em cobrir os corredores laterais e dar coberturas

Dimensão técnica: Bom drible e controlo de bola. Forte nos desarmes e antecipações. Consegue cruzar facilmente e com qualidade.

Dimensão física: Muito rápido, boa coordenação, dificuldades em usar o corpo para ganhar duelos.

Dimensão psicológica: Pouco agressivo. Responsável.

2.3.5.4 Médios

Quadro 16 - Informação sobre o Jogador 11

Data de Nascimento	12/02/2006	 Pé Dominante 	
Posição Principal	Pivô Defensivo		
Posição Secundária	Médio Interior		
Peso (kg)	56,7		
Altura (m)	1,61		

Dimensão tática: Posiciona-se bem durante os diferentes momentos de jogo, fecha bem os espaços interiores e muito bom nas coberturas. Tem de melhorar os *timings* de antecipação.

Dimensão técnica: Bom passe curto e longo, com uma grande visão de jogo. Dificuldade nas receções e mudanças de direção. Tem de melhorar a velocidade de reação.

Dimensão física: Um pouco forte o que lhe tira velocidade.

Dimensão psicológica: Divertido e um pouco irresponsável.

Quadro 17 - Informação sobre o Jogador 12

Data de Nascimento	27/04/2005	 Pé Dominante 	
Posição Principal	Médio Interior		
Posição Secundária			
Peso (kg)	52,4		
Altura (m)	1,62		

Dimensão tática: Muito bom em organização ofensiva, a encontrar espaços entre linhas e na profundidade através de passe. Em organização defensiva tem dificuldades em perceber o posicionamento.

Dimensão técnica: Muita qualidade nos passes curtos e longos, facilidade em rematar e com qualidade, agressivo nos duelos. Tem de melhorar o drible e controlo de bola.

Dimensão física: Apesar de não ser muito alto e ser magro, utiliza bem o corpo para ganhar duelos. Não é muito rápido.

Dimensão psicológica: Dificuldade em se concentrar o jogo todo. Por vezes demasiado agressivo nos duelos. Muito combativo e com pensamento de superação.

Quadro 18 - Informação sobre o Jogador 13

Data de Nascimento	22/05/2005	 Pé Dominante 	
Posição Principal	Pivô Ofensivo		
Posição Secundária	Médio Interior		
Peso (kg)	53,6		
Altura (m)	1,65		

Dimensão tática: Muito bom na organização ofensiva e transições, mas na organização defensiva tem dificuldades em se posicionar.

Dimensão técnica: Muito bom no drible e controlo de bola. Qualidade de passe curto e longo acima da média dentro da equipa. Bom remate colocado. Tem algumas dificuldades em duelos 1x1 defensivos.

Dimensão física: Tem bastante resistência, não é muito rápido, mas é muito ágil.

Dimensão psicológica: Rápido na tomada de decisão e com decisões de qualidade em relação ao modelo de jogo. Responsável e criativo.

Quadro 19 - Informação sobre o Jogador 14

Data de Nascimento	02/04/2005	 Pé Dominante	
Posição Principal	Médio Direito		
Posição Secundária	Médio Esquerdo		
Peso (kg)	48,6		
Altura (m)	1,59		

Dimensão tática: Tem facilidade em aparecer nas costas da defesa e a fazer movimentos interiores. Em organização defensiva controla bem os corredores. Em transições defensivas demora a reagir.

Dimensão técnica: Forte no drible e em duelos 1x1 ofensivos. Bom cruzamento e passe curto. Muitas dificuldades em finalizar.

Dimensão física: Muito rápido e ágil. Deve melhorar a velocidade de reação.

Dimensão psicológica: Pouco agressivo, tem algum receio em duelos na disputa de bola. Por vezes tem de se falar com ele para conseguir ter mais atitude competitiva.

Quadro 20 - Informação sobre o Jogador 15

Data de Nascimento	19/01/2006	 Pé Dominante	
Posição Principal	Médio Esquerdo		
Posição Secundária	Médio Direito		
Peso (kg)	53,9		
Altura (m)	1,67		

Dimensão tática: Facilidade em aparecer na profundidade, bom posicionamento em organização ofensiva. Muito bom em transições ofensivas (rapidamente sai em condução com bola ou desmarca-se sem bola) e defensivas (rápida reação à perda e recuperação do posicionamento). Em organização defensiva tem alguma dificuldade em posicionar-se, dar coberturas e poucas vezes faz contenção em situação de 1x1.

Dimensão técnica: Grande qualidade de passe. Forte nos duelos 1x1 ofensivos. Tem de melhorar a finalização. Dificuldade em fazer desarmes sem conceder falta.

Dimensão física: Muito rápido e grande aceleração. Não tem muita força.

Dimensão psicológica: Controla bem as emoções. É determinado e

consistente nas suas ações. Mais pacato e passa despercebido em grupo.

Quadro 21 - Informação sobre o Jogador 16

Data de Nascimento	13/06/2006	 Pé Dominante 	
Posição Principal	Médio Esquerdo		
Posição Secundária	Médio Direito/Interior		
Peso (kg)	54,6		
Altura (m)	1,62		

Dimensão tática: Bom a procurar espaços na profundidade. Forte nas ruturas e a atacar espaços interiores. Facilidade em entrar em transição ofensiva.

Dimensão técnica: Remate forte e colocado. Bom drible de pé direito e esquerdo. Algumas dificuldades em tirar cruzamentos. Muito forte em antecipações.

Dimensão física: Muito rápido e ágil, grande poder de aceleração, muito forte nas mudanças de direção.

Dimensão psicológica: Muito criativo e irreverente. Grande comunicador e líder.

2.3.5.5 Avançados

Quadro 22 - Informação sobre o Jogador 17

Data de Nascimento	14/11/2005	 Pé Dominante  
Posição Principal	Avançado	
Posição Secundária	Médio Direito/Esquerdo	
Peso (kg)	61,3	
Altura (m)	1,72	

Dimensão tática: Pouco trabalhador na organização defensiva. Sempre bem posicionado em organização ofensiva, sendo uma das referências por jogar bem de costas para a baliza.

Dimensão técnica: Bom controlo de bola, joga e finaliza muito bem com os 2 pés. Forte em situações de 1x1 ofensivas. Bom a cabecear. Consegue se antecipar facilmente aos adversários.

Dimensão física: Rápido com e sem bola. Forte e boa impulsão.

Dimensão psicológica: Necessita melhorar a concentração apesar de ser muito competitivo. Não é muito responsável e gosta de ser o centro das atenções quando em grupo.

Quadro 23 - Informação sobre o Jogador 18

Data de Nascimento	17/03/2005	 Pé Dominante	
Posição Principal	Avançado		
Posição Secundária			
Peso (kg)	54,7		
Altura (m)	1,68		

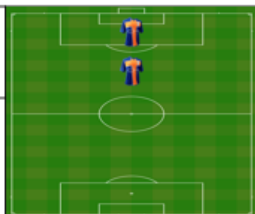
Dimensão tática: Bom posicionamento em todos os momentos de jogo embora tenha dificuldades em aparecer nas costas da defesa.

Dimensão técnica: Precisa de melhorar o drible e controlo de bola. Muito bom a finalizar com remate forte e colocado. Bom cabeceador.

Dimensão física: Boa impulsão e forte em jogo aéreo. Um bocado lento e pouco ágil. Deve melhorar a coordenação.

Dimensão psicológica: Muito trabalhador e comunicativo. Pouca autoconfiança no que toca às capacidades desportivas. Muito inteligente.

Quadro 24 - Informação sobre o Jogador 19

Data de Nascimento	23/11/2006	 Pé Dominante	
Posição Principal	Avançado		
Posição Secundária	Pivô Ofensivo		
Peso (kg)	53,7		
Altura (m)	1,59		

Dimensão tática: Razoável a nível de organização ofensiva, consegue se posicionar de forma correta embora às vezes demore para se posicionar. Muitas dificuldades nos restantes momentos do jogo, em transições não consegue acompanhar os lances.

Dimensão técnica: Bom passe curto e em profundidade. Remate forte, mas dificuldade em colocar o remate o que lhe traz dificuldades em finalizar.

Dimensão física: Forte, pouca velocidade, tem de melhorar a coordenação, dificuldades em mudar a direção com e sem bola. Utiliza bem o corpo para manter a posse de bola. Pouca impulsão.

Dimensão psicológica: Muito divertido, mas um bocado preguiçoso.
Precisa constantemente de feedback para trabalhar.

3. Desenvolvimento Profissional

3. Desenvolvimento da Prática Profissional

Neste capítulo do relatório são descritas e caracterizadas as práticas profissionais realizadas de encontro com o estágio: analista/observador do jogo de futebol. Serão ainda demonstradas ferramentas e instrumentos utilizados para essa mesma prática.

3.1 O Modelo de Jogo

O modelo de jogo é o guia pelo qual toda a equipa técnica se deve orientar durante os treinos e a preparação para os jogos (Garganta, 2008). Este modelo trata-se das ideias que um treinador tem e que deseja que a sua equipa seja capaz de pôr em prática (Tamarit, 2013). A criação desse modelo de jogo depende muito da formação académica, vivências na prática ou discussões teóricas e que obrigam o treinador a uma reflexão profunda sobre o jogo, criando princípios de jogo de encontro ao modelo por si criado (Tamarit, 2013).

3.1.1 Princípios Gerais

De forma a explicar aos atletas os diferentes momentos de jogo, princípios, o modelo de jogo e os sistemas pretendidos pela equipa técnica, apresenta-se campo dividido por 3 setores e 3 corredores.

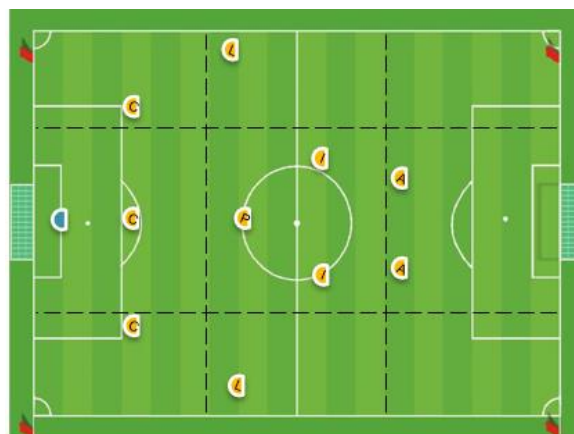


Figura 5 - Modelo de Jogo - Sistema 1x3x5x2

Quadro 25 - Modelo de Jogo do Juniores C (Sub-15) SMFC

Organização Ofensiva
Progredir com bola sempre que há espaço e fixar um adversário para soltar um colega;
Em pontapés de baliza tentar encontrar opção para sair curto pelo centrais ou longo pelos laterais;
Variar corredores para desgastar o adversário;
Ter sempre um jogador dentro de uma estrutura com apoio frontal;
Devem existir pelo menos 2 coberturas ofensivas;
Procurar ruturas com os médios e os avançados recuarem, ou fazer ruturas diretamente os avançados (blocos defensivos mais baixos);
Liberdade para explorar corredores centrais e laterais (saber ler o que o “jogo pede”).
Organização Defensiva
Proteção do espaço interior;
Criar uma constante rede de coberturas;
Concentração dos jogadores para redução do espaço;
Bloco dinâmico com movimentação em função da posição da bola;
Condicionar o portador da bola para as zonas de pressão (corredores laterais);
Intensificar a pressão nos corredores laterais; Equilíbrio ofensivo garantido;
Criação de superioridade numérica nas zonas de disputa da bola.
Transição Ofensiva
Transição através de condução ou passe vertical;
Referências nos corredores laterais.
Em superioridade ou igualdade numérica entrar rápido em 3ª fase para finalizar.
Transição Defensiva:
Reagir rapidamente à perda da posse de bola;
Pressão sobre o portador da bola enquanto se reorganiza a estrutura;
Não permitir o adversário ter tempo de pensar e executar;
Em caso de bola descoberta, linha defensiva baixa para controlar bola na profundidade; Bola coberta, linha defensiva cresce e o guarda redes fica responsável pelo controlo de profundidade.
Esquemas Táticos Ofensivos
Cantos: 2 jogadores ficam sempre na linha de meio campo, independentemente do número de jogadores adversários; 2 na entrada da área, sendo que um ao sinal do marcador do canto, irá ou não envolver em ação curta; 2 jogadores no 2º poste; 2 na zona central e 1 a atacar o 1º poste.
Livres laterais: 2 jogadores na linha do meio campo; 1 na entrada da área que pode ser solicitado a envolver em saída curta; 1 em corredor perto de quem marca o livre, para poder envolver noutra saída curta; 1 jogador a atacar 2º poste, 3 na zona central e 1 a atacar o 1º poste.
Livres frontais: liberdade para marcar direto ou cruzar na direção do 2º poste.
Esquemas Táticos Defensivos
Marcação à zona.
Cantos: 3 jogadores na zona do 1º poste; 4 jogadores em zona central e 2º poste; 2 jogadores para bloqueios na zona do penalti e 1 jogador na zona da entrada da área.
Livres laterais: 1 jogador na barreira e 1 em cobertura e 1 na “zona morta”; 4 jogadores na zona central e 2º poste; 2 jogadores em zona de bloqueios e 1 jogador na entrada da área.
Livres frontais: barreira (consoante o número de jogadores que o guarda redes necessita); e marcação à zona.

3.1.2 Macro ciclo

Macro ciclo para a época 2019/2020 no escalão de iniciados do SMFC. Infelizmente interrompido a 10 de março por motivos de controlo da pandemia.

Quadro 26 - Macro ciclo dos Sub-15 - época 2019/2020

Macro ciclo Iniciados do Santiago Mascotelos FC - Época 2019/2020																							
set/19				out/19				nov/19				dez/19				jan/20				fev/20			
1 Domingo				1 3ª feira	Folga			1 6ª feira	Treino			1 Domingo	JOGO			1 4ª feira	ANO NOVO			1 Sábado	JOGO		
2 2ª feira	Treino			2 4ª feira	Treino			2 Sábado				2 2ª feira	Treino			2 5ª feira	Folga			2 Domingo	JOGO		
3 3ª feira	Folga			3 5ª feira	Folga			3 Domingo	JOGO			3 3ª feira	Folga			3 6ª feira	Treino			3 2ª feira	Treino		
4 4ª feira	Treino			4 6ª feira	Treino			4 2ª feira	Treino			4 4ª feira	Treino			4 Sábado				4 3ª feira	Folga		
5 5ª feira	Folga			5 Sábado				5 3ª feira	Folga			5 5ª feira	Folga			5 Domingo				5 4ª feira	Treino		
6 6ª feira	Treino			6 Domingo	JOGO TREINO			6 4ª feira	Treino			6 6ª feira	Treino			6 2ª feira	Treino			6 5ª feira	Folga		
7 Sábado				7 2ª feira	Treino			7 5ª feira	Folga			7 Sábado				7 3ª feira	Folga			7 6ª feira	Treino		
8 Domingo				8 3ª feira	Folga			8 6ª feira	Treino			8 Domingo	JOGO			8 4ª feira	Treino			8 Sábado	JOGO		
9 2ª feira	Treino			9 4ª feira	Treino			9 Sábado				9 2ª feira	Treino			9 5ª feira	Folga			9 Domingo			
10 3ª feira	Folga			10 5ª feira	Folga			10 Domingo	JOGO			10 3ª feira	Folga			10 6ª feira	Treino			10 2ª feira	Treino		
11 4ª feira	Treino			11 6ª feira	Treino			11 2ª feira	Treino			11 4ª feira	Treino			11 Sábado				11 3ª feira	Folga		
12 5ª feira	Folga			12 Sábado				12 3ª feira	Folga			12 5ª feira	Folga			12 Domingo	JOGO			12 4ª feira	Treino		
13 6ª feira	Treino			13 Domingo	JOGO			13 4ª feira	Treino			13 6ª feira	Treino			13 2ª feira	Treino			13 5ª feira	Folga		
14 Sábado				14 2ª feira	Treino			14 5ª feira	Folga			14 Sábado				14 3ª feira	Folga			14 6ª feira	Treino		
15 Domingo	JOGO TREINO			15 3ª feira	Folga			15 6ª feira	Treino			15 Domingo	JOGO			15 4ª feira	Treino			15 Sábado			
16 2ª feira	Treino			16 4ª feira	Treino			16 Sábado	JOGO TREINO			16 2ª feira	Treino			16 5ª feira	Folga			16 Domingo	JOGO		
17 3ª feira	Folga			17 5ª feira	Folga			17 Domingo				17 3ª feira	Folga			17 6ª feira	Treino			17 2ª feira	Treino		
18 4ª feira	Treino			18 6ª feira	Treino			18 2ª feira	Treino			18 4ª feira	Treino			18 Sábado	JOGO			18 3ª feira	Folga		
19 5ª feira	Folga			19 Sábado	JOGO			19 3ª feira	Folga			19 5ª feira	Folga			19 Domingo				19 4ª feira	Treino		
20 6ª feira	Treino			20 Domingo				20 4ª feira	Treino			20 6ª feira	Treino			20 2ª feira	Treino			20 5ª feira	Folga		
21 Sábado	JOGO TREINO			21 2ª feira	Treino			21 5ª feira	Folga			21 Sábado				21 3ª feira	Folga			21 6ª feira	Treino		
22 Domingo				22 3ª feira	Folga			22 6ª feira	Treino			22 Domingo	JOGO			22 4ª feira	Treino			22 Sábado	JOGO		
23 2ª feira	Treino			23 4ª feira	Treino			23 Sábado				23 2ª feira	Treino			23 5ª feira	Folga			23 Domingo			
24 3ª feira	Folga			24 5ª feira	Folga			24 Domingo	JOGO			24 3ª feira	Folga			24 6ª feira	Treino			24 2ª feira	Treino		
25 4ª feira	Treino			25 6ª feira	Treino			25 2ª feira	Treino			25 4ª feira	Treino			25 Sábado				25 3ª feira	Folga		
26 5ª feira	Folga			26 Sábado				26 3ª feira	Folga			26 5ª feira	Folga			26 Domingo				26 4ª feira	Treino		
27 6ª feira	Treino			27 Domingo	JOGO			27 4ª feira	Treino			27 6ª feira	Treino			27 2ª feira	Treino			27 5ª feira	Folga		
28 Sábado	JOGO TREINO			28 2ª feira	Treino			28 5ª feira	Folga			28 Sábado				28 3ª feira	Folga			28 6ª feira	Treino		
29 Domingo				29 3ª feira	Folga			29 6ª feira	Treino			29 Domingo				29 4ª feira	Treino			29 Sábado			
30 2ª feira	Treino			30 4ª feira	Treino			30 Sábado				30 2ª feira	Treino			30 5ª feira	Folga			30 3ª feira	Folga		
				31 5ª feira	Folga							31 3ª feira	VÉSPERA ANO NOVO			31 6ª feira	Treino						

3.1.3 Micro ciclo

Este micro ciclo modelo (Figura 6) demonstra o período (em período competitivo) existente entre o jogo do fim de semana anterior e o jogo seguinte. O seu planeamento foi desenhado através da observação e análise do jogo anterior, após apresentação à equipa técnica de aspetos que deveriam ser melhorados no jogo seguinte. Por isso, o planeamento foi no sentido de trabalhar a equipa conforme o modelo de jogo e não no sentido de planeamento em relação ao adversário.

A análise (interna) efetuada foi preponderante no planeamento deste micro ciclo pelas seguintes razões:

- No domingo à noite, a observação e análise do jogo já estava pronta, o que possibilitou a discussão atempada com os restantes elementos da equipa técnica;
- Apesar da vitória por 5-2 nesse jogo, foi visível (*in loco*) pela equipa técnica, a dificuldade que a equipa sentiu em organização e transição defensiva, mas não se identificou imediatamente o que causou essa situação; Através da

observação (em vídeo) e a análise do mesmo, percebeu-se que o controlo de profundidade e o posicionamento na escala intersectorial e setorial não foi feito de forma correta;

- Na segunda feira na palestra foi demonstrado o vídeo com ações boas e menos boas, das quais se deu algum ênfase às menos boas para melhorar durante a semana de trabalho, mas sempre com discurso encorajador a melhorar e não de forma a criticar o grupo;
- Depois dessa apresentação o vídeo fica disponível (segunda à noite) no grupo *WhatsApp* para os atletas terem acesso e poderem tirar dúvidas mais específicas.

	2ª FEIRA	3ª FEIRA	4ª FEIRA	5ª FEIRA	6ª FEIRA	SÁBADO	DOMINGO
	OBJETIVOS		OBJETIVOS		OBJETIVOS		CAMPEONATO 10ª JORNADA
MICROCICLO 17	VISUALIZAÇÃO DA ANÁLISE DO JOGO ANTERIOR RELAÇÃO COM BOLA JOGOS REDUZIDOS: 3x3, 4x4 ORGANIZAÇÃO DEFENSIVA COMPORTAMENTO EM RELAÇÃO À POSIÇÃO DA BOLA	FOLGA	ORGANIZAÇÃO DEFENSIVA CONTROLO DE PROFUNDIDADE INDICADORES DE PRESSÃO	FOLGA	ORGANIZAÇÃO DEFENSIVA COMPORTAMENTO LINHA DEFENSIVA COMPORTAMENTO LINHA MÉDIA COMPORTAMENTO LINHA AVANÇADA FINALIZAÇÃO	FOLGA	SANDINENSES X SANTIAGO 11H FORA

Figura 6 - Microciclo Modelo

No início da época (pré-época) ficou definido organizarmos os microciclos com os habituais 3 treinos do escalão, sendo segunda, quarta e sexta-feira, apenas por questão da logística envolvente no clube e não com relação direta aos períodos de descanso entre os treinos e jogos.

O início do treino de segunda-feira definiu-se que seria para discutir com o plantel alguns aspetos positivos e menos positivos do jogo do fim de semana anterior. Posteriormente foi atribuída mais importância à demonstração da análise efetuada ao jogo com a devida edição. Após a exibição de vídeo, decorria o treino de campo, com exercícios de pouca complexidade e de baixa ou média intensidade (quase sempre com bola) para recuperação ativa dos atletas. Na parte final por vezes acrescentava-se apenas um pouco de conteúdo, consoante o que era pretendido para o próximo jogo ou de correção em relação ao jogo anterior.

Os treinos de quarta e sexta-feira envolveram mais complexidade, com variedade de exercícios reduzidos e exercícios envolvendo todo o plantel, focando a parte coletiva, mas sempre com os *feedbacks* individuais presentes de forma a não esquecerem os princípios aprendidos até então. O treino de quarta-feira foi o dia que envolveu mais carga, de forma a terem mais tempo de

recuperação até ao jogo. Neste treino pretendeu-se trabalhar o coletivo (sem esquecer os *feedbacks* individuais), envolvendo a organização ofensiva e/ou defensiva com dinâmicas e variantes nos exercícios que provocassem superioridade numérica para transições ofensivas e/ou defensivas.

Na unidade de treino de sexta-feira deu-se mais ênfase aos comportamentos intersectoriais e setoriais, muitas vezes dividindo o espaço dos exercícios em corredores e setores. Na parte final do treino fazia-se situações de finalização (ex.: 2x1; 3x2; jogos reduzidos de 4x4 com guarda redes) e depois algumas situações específicas a melhorar nos esquemas táticos ofensivos e/ou defensivos.

Sempre que necessário, existiram pequenas alterações no microciclo, mas no geral foi cumprido conforme o estipulado.

3.1.4 Unidade de Treino

Pensou-se ser parte importante falar sobre a unidade de treino, e a escolhida para ser apresentada foi a unidade de treino nº47 do microciclo 17, que aconteceu na 3ª semana dezembro (entre os dias 15 e 22) de 2019. Esta seleção deveu-se a vários fatores que achamos importantes salientar, tais como, a preponderância do trabalho de observação e análise para o planeamento deste microciclo e da unidade de treino em específico; também pelo facto de a equipa ter ganho 5-2, e achou-se importante sublinhar que uma observação e análise não deve ser efetuada apenas quando a equipa perde; devido também ao facto da equipa estar a passar uma boa fase e queríamos detetar o que podíamos melhorar para manter esse registo e por fim porque no fim de semana seguinte a equipa ganhou novamente desta vez sem sofrer golo (2-0).

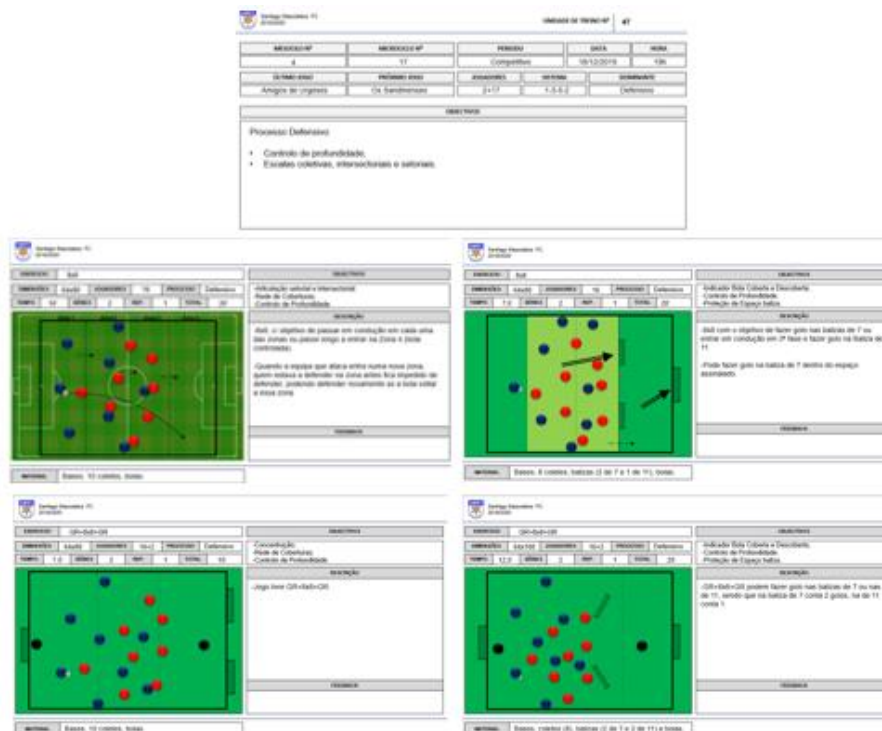


Figura 7 - Unidade de treino nº 47, microciclo 17

3.1.5 Relatório da Observação e Análise

Este relatório consistiu em apresentar em vídeo à restante equipa técnica ações nos diferentes momentos de jogo de Organização ofensiva e defensiva; transição ofensiva e defensiva (mais pontualmente); esquemas táticos ofensivos/defensivos. Depois de apresentar, com a interpretação feita em cada um desses clipes, em conjunto decidíamos o que selecionar para apresentar aos atletas e fazer a edição para estes perceberem o que se pretendia explicar em cada lance, ou seja, uma forma de ajudar os atletas a entender facilmente (vendo o vídeo sozinhos) o que se quis passar para eles.



Figura 8 - Relatório de Observação/Análise Coletiva Interna

Quando em reunião de equipa técnica ficava decidido que eram necessários vídeos individuais para indicar o que o atleta (em específico) está a fazer bem e o que deve corrigir, fazíamos os cortes dos momentos de jogo e comportamentos que identificávamos como uma dificuldade do atleta, e através de vídeo/imagem conseguíamos explicar-lhe o que estava a fazer mal e como melhorar. Neste caso éramos ainda mais específicos nas instruções do que era pretendido que ele corrigisse, com instruções por escrito no canto inferior direito e alguns desenhos na própria edição.

Nestes vídeos individuais embora o foco fosse corrigir o que estava mal, acrescentou-se sempre ações boas para perceberem que era atribuída atenção a todas as ações de igual forma. Foi um mecanismo que achámos importante não só a nível técnico/tático, mas também ao psicológico do jogador e a forma como receberia a informação.



Figura 9 - Relatório de Observação/Análise Individual Interna

3.1.6 Processo e Ferramentas de Observação e Análise

Neste tópico abordam-se as ferramentas utilizadas e a descrição de todo o processo, desde a montagem do equipamento de filmagem, à última fase deste processo, a apresentação ao plantel, no caso do coletivo, e ao atleta, no caso do individual.

A 1ª fase do processo consistia em verificar a memória do cartão utilizado na câmara e a bateria desta. No passo seguinte, a montagem do equipamento, tripé e câmara, foi um processo importante, uma vez que se realizou jogos em casa e fora, sendo que nos jogos em casa houve um local definido para todas as filmagens, decidido após reunião da equipa técnica, sendo um ponto estratégico com a maior altura e ângulo possível. Nos jogos fora, verificava-se os prós e contras dos possíveis locais de filmagem e por fim decidia-se em conjunto qual o melhor ponto.

Os jogos foram filmados com pausa sempre que havia paragens mais longas, criando no fim vários clipes. No fim do jogo transferiam-se esses clipes para o computador e foi utilizado o *“Freemake Video Converter”* para juntar os clipes da 1ª e os da 2ª parte, ficando com o jogo dividido em 2 vídeos, 1ª e 2ª parte.

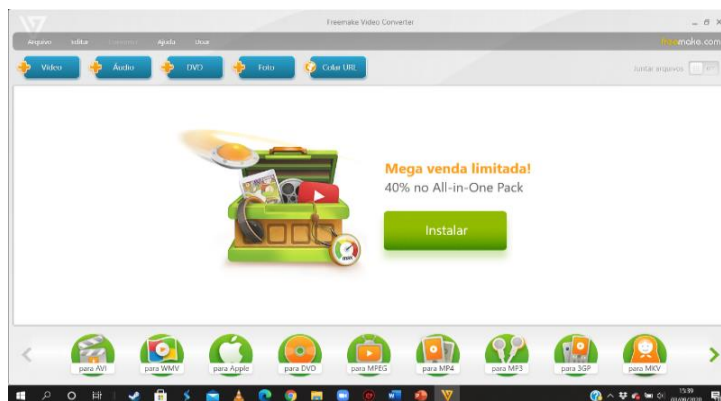


Figura 10 - Freemake Video Converter

Depois utilizava-se o “Longomatch” para codificar o jogo, isto é, dividia-se o jogo nos diferentes momentos de jogo: organização ofensiva e defensiva; transição ofensiva e defensiva e esquemas táticos ofensivos e defensivos.

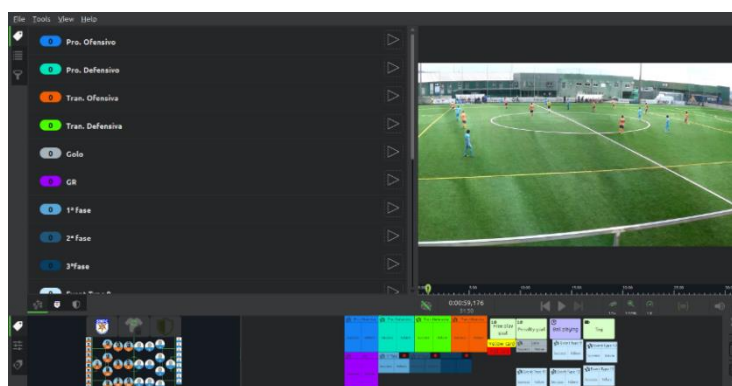


Figura 11 - Longomatch

Depois de codificado o jogo, eram demonstrados à equipa técnica lances que representavam um padrão bom ou menos bom e que achávamos importante corrigir/melhorar. Após ficar decidido que lances iríamos mostrar e as instruções que iriam acompanhar o vídeo (coletivo ou individual), passava-se para a edição.

A edição foi realizada no “Corel VideoStudio X10” juntamente com algumas ferramentas de *PowerPoint*. O computador utilizado tinha sistema operativo *Windows*, motivo pelo qual não foi utilizado o programa “*Final Cut Pro*”.

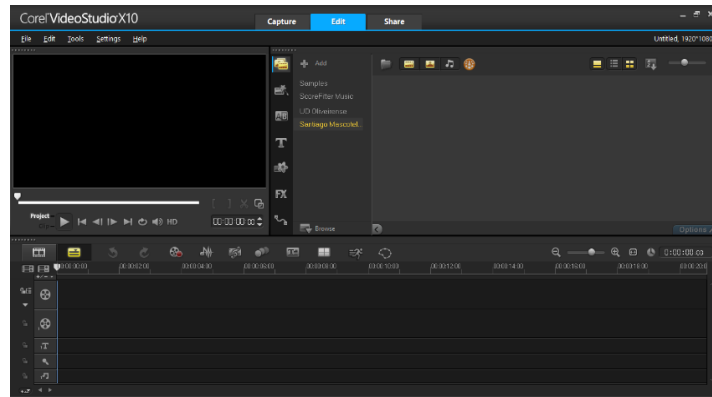


Figura 12 - Corel VideoStudio X10

4. Desenvolvimento Profissional

4. Desenvolvimento Profissional

Considero que este estágio profissionalizante no SMFC contribuiu muito para o meu desenvolvimento pessoal e profissional. Sinto que foi importante ter estas duas funções de treinador adjunto no escalão de seniores e observador/analista no escalão de Iniciados (principal função descrita no relatório) em simultâneo e não poderia fazer uma reflexão do meu desenvolvimento profissional sem abordar alguns aspetos que considero que foram fundamentais para tal. Durante a época por várias vezes refleti sobre todo o tipo de comunicação que tinha com os atletas, e as diferentes abordagens que devia ter, em função da idade, características psicológicas, enquanto jogador e pessoa e o momento da época que a equipa atravessava.

No início senti alguma dificuldade na forma de abordar os atletas iniciados e seniores, não no sentido da capacidade de comunicação, mas na maneira como passava a informação de forma a ser perceptível, sendo que no escalão de sub-15 muitos atletas ainda estavam a ter a primeira interação com o que é o modelo de jogo, princípios do jogo, os diferentes momentos e ainda lidavam com a transição do futebol de 9 para futebol 11. Já nos seniores houve uma preocupação em demonstrar que sabia e conseguia explicar as questões táticas e técnicas do jogo, de forma a que respeitassem a minha presença enquanto profissional a desenvolver conhecimentos e não enquanto apenas um jovem treinador.

Considero que agora sou um profissional sem medo de interagir e comunicar com os atletas, sempre com preocupação de falar assertivamente sobre os conhecimentos que tenho e explorar e procurar saber mais quando se aborda algum tema que não tenho conhecimentos ou não domino. Senti ao longo do tempo, que ia conquistando cada vez mais o respeito e admiração dos atletas por mim, pela dedicação e disponibilidade que tinha para os ajudar a evoluir e ao mesmo tempo pela abertura que dava para discutirmos sobre o jogo de futebol e perceber a visão deles, não lhes inculcando a minha visão e interpretação do jogo como uma “verdade absoluta”.

Procurei sempre ter uma boa relação com os atletas e transmitir confiança para me abordarem sempre que fosse necessário. Com o escalão de seniores,

no início a minha abordagem poderia ter sido melhor, no sentido de transmitir mais autoridade. Enquanto adjunto uma das minhas funções era me aproximar mais do plantel, para que se sentissem à vontade comigo, e para fazer uma espécie de equilíbrio na balança entre a autoridade mais firme do treinador principal e a autoridade como “voz da razão”. Como primeira experiência em futebol sénior, liguei-me demasiado rápido aos jogadores, quando o devia ter feito a longo prazo. De forma a corrigir essa situação procurei distanciar mais o lado pessoal (conversas mais de cariz pessoal) e abordar mais através da parte profissional (conversas sobre os nossos jogos, jogos do futebol profissional, explicar termos mais técnicos sobre como observar um jogo e analisar).

No escalão de iniciados, apesar de já ter experiência em trabalhar com essa faixa etária, mas num contexto completamente diferente, a maior dificuldade inicial foi criar um ambiente mais descontraído e propício para me abordarem nas questões mais técnicas e táticas do jogo, ou seja, em questões de âmbito mais pessoal sentiam-se à vontade para falar comigo, mas não sobre o jogo. Apesar da minha comunicação descontraída e simples, senti alguma resistência por parte deles. Após refletir sobre o “porquê” dessa situação, percebi que isso aconteceu porque no início foi difícil explicar à direção, coordenação, equipa técnica e aos próprios jogadores a importância do trabalho de observação e análise nos escalões de formação.

Sendo um clube muito recente a nível de formação, ainda a construir a sua identidade e os seus métodos de trabalho, ao falar sobre a importância do trabalho que queria realizar no escalão senti uma enorme barreira, não só por haver ainda outros aspetos da formação a melhorar, como o nível dos recursos humanos e recursos materiais, mas também pelas implicações financeiras para desempenhar essa função. Consegui que aceitassem avançar com esse acompanhamento do escalão ao abdicar de qualquer vencimento para realizar a observação e análise. Realizei algumas observações e análises por iniciativa própria na pré-época, a nível coletivo e individual e fui mostrando à restante equipa técnica. Após lhes apresentar, mostraram mais interesse pela área e começamos a identificar em conjunto como poderíamos utilizar esse trabalho com as ideias que já tinham pré-definidas.

Pensando nas minhas expectativas iniciais, posso afirmar que no geral foram cumpridas. Sabia que poderia ter alguma dificuldade em introduzir o trabalho de observação e análise num clube com formação apenas há 5 anos, mas valeu a pena o esforço que sei que daqui para a frente será visto de outra forma e será uma área que a direção querera explorar ainda mais. A equipa técnica foi excelente comigo pois deu-me oportunidade de mostrar o valor que podia acrescentar ao grupo e de participar no planeamento dos microciclos e unidades de treino através da análise realizada nos jogos que os antecederiam. Permitiram ainda a minha evolução através das diversas reuniões que tínhamos e discussões sobre os jogos e os treinos.

Aprendi a respeitar a visão e interpretação do jogo das outras pessoas pois cada um traz uma bagagem diferente a nível de formação, conhecimentos e experiências. Uma expectativa que não cumpri foi a de apresentar relatórios de observação e análise por escrito, uma vez que o treinador queria em vídeo com instruções sucintas, para que fosse mais apelativo ao atleta. Foi algo com que concordei, apesar de no futuro querer desenvolver esse trabalho de forma a obrigar-me a conseguir exprimir o que vejo e penso através da escrita.

Sinto-me capaz de afirmar que “o treinador João Fernandes” e “o observador/analista João Fernandes” antes e depois do estágio são dois profissionais agora distintos pelas diversas aprendizagens e vivências. Todo este processo obrigou-me a ter mais responsabilidades e a ser mais pró-ativo de forma a conseguir introduzir as minhas ideias, fazer-me ouvir e conseguir apresentar o meu trabalho apesar de recursos limitados. O facto de os recursos serem limitados, fez-me aprender a adaptar a outras realidades completamente diferentes das que já tinha experienciado, mas sempre com foco em apresentar o melhor trabalho possível e acreditando no processo de evolução e construção enquanto profissional.

Tive algumas surpresas positivas, uma das duas que mais me marcaram foi perceber a humildade e a entrega das pessoas que trabalham para o clube, apenas por amor ao mesmo, sem terem um vencimento e, no entanto, são os primeiros a chegar e os últimos a sair. A minha ligação, constantes conversas e trocas de experiências com estas pessoas (técnico de equipamentos, técnico de

material e logística e técnico das infraestruturas) foi de uma importância tão grande que não lhe consigo atribuir um valor. Fizeram com que eu me esforçasse ainda mais na minha função e tivesse mais dedicação ao clube. Fiquei surpreendido pela positiva, pela forma como a direção tratava muito bem estas pessoas que incutem os valores certos e que recebem da melhor forma possível quem chega ao clube.

A outra surpresa que me marcou pela positiva foi quando terminou a época e todos os jogadores me agradeceram pelo trabalho realizado e pela disponibilidade que tive para eles. Foi um sinal de que todas as horas de trabalho no terreno e fora dele, valeram a pena não só para a minha própria evolução profissional, mas também para aqueles jovens que tiveram pela primeira vez contacto com esta área da observação e análise.

Quanto aos aspetos que me surpreenderam pela negativa foram a falta de comunicação e de interesse da parte do coordenador da formação e o facto de a direção deixar essa situação se arrastar até ao término da época, mais ainda por ele ser treinador do escalão de juvenis e haver alguns treinadores a colocar os seus interesses pessoais à frente dos interesses do clube quando se tratava da transição de atletas aos escalões acima, onde havia uma pressão sobre os jovens para que esse processo não acontecesse. Foi algo que teve bastante impacto em mim, pois sempre tive experiências em clubes onde esse processo de um atleta subir a outro escalão acontecia de uma forma natural, sem qualquer tipo de entraves, onde os interesses do clube estavam sempre à frente e até existia um sentimento de realização e de trabalho feito com sucesso enquanto treinador.

Se pudesse voltar atrás no tempo iria certamente me envolver mais cedo na dinâmica do clube e das pessoas que o envolvem, ou seja, viver o espírito de família que se sentia. Acredito que todos os acontecimentos bons e menos bons fazem parte do processo de desenvolvimento profissional e tentei sempre retirar alguma aprendizagem das minhas experiências ao longo do processo e sinto que não mudaria mais nada.

Ao longo da época fui me apercebendo de muitos aspetos que eram necessários melhorar para atingir a visão da direção em relação à formação. O

trabalho de coordenação no clube era praticamente inexistente e apenas houve alguma comunicação entre coordenação e diretores e equipa técnica no início da época. Algo que me fez refletir, porque é que as coisas não estavam a ser feitas, se eu seria capaz de fazer algo pelo clube nesse sentido, ou seja, não apontar apenas os erros, mas tentar ajudar a melhorar. Fez-me pensar em “como” e “se” seria capaz de juntar os conhecimentos e experiências que tenho sobre o futebol de formação à gestão, para que a formação do clube tenha um projeto com objetivos bem definidos a curto, médio e longo prazo.

Todo o trabalho, empenho, resiliência, conhecimentos, ideias e filosofias para o futuro da formação do clube foram-me reconhecidas, não só pela equipa técnica e jogadores, mas também pela direção que me convidou a assumir o cargo de Coordenador do Futebol de Formação para a época 2020/2021. Com essa função pretendo traçar alguns processos de formação transversais a todos os escalões, que segundo Mourinho (2002a, p. 15) *“quando se implementa um projeto de formação é importante saber para onde queremos ir e haver similaridade de processos”*.

É fundamental para um clube que queira estar organizado, ter alguém capaz de fazer a ligação entre os diferentes departamentos, treinadores e os escalões, não só a nível de logística, mas de prospeção (Leal & Quinta, 2001). Por ser um clube jovem em termos de Futebol de Formação, pretendo criar uma filosofia (neste momento inexistente) que vá de encontro aos objetivos da direção, nesse sentido por saber que no clube existem objetivos, mas não uma estratégia para os alcançar, pretendo focar esse aspeto como uma prioridade. Corroborando esse pensamento, Adriaanse (1996, p. 21) afirma que *“para assumir essa função, deve ser alguém que se identifique com a filosofia do clube”*. Para esta função deve-se possuir grande conhecimento do clube e do jogo, é importante saber o que valorizar para a evolução das crianças e jovens e então criar e implementar um Modelo de Formação (Leal & Quinta, 2001).

No entanto a prioridade deve ser formar jogadores inteligentes, capazes de se adaptarem a qualquer modelo de jogo ou sistema e não apenas adaptar constantemente todo o processo em função da equipa sénior (Jean Paul, 2003; cit. por Leandro, 2003). O objetivo passa então por utilizar a Observação, Análise

e Interpretação do Jogo no processo de treino e formação das crianças e jovens de forma a inculcar princípios táticos, desenvolver as suas capacidades de resolução de problemas e adaptação no jogo de futebol e tentar identificar, seleccionar e desenvolver talentos (Franks et al., 1999; Leal & Quinta, 2001; Stratton et al., 2004).

5. Conclusões e Perspetivas Futuras

5. Conclusões e Perspetivas Futuras

5.1 Conclusões

Neste ponto destaco o que retiro e concluo com o estágio profissionalizante através das vivências enquanto observador e analista na equipa dos Sub.15 do SMFC. A elaboração do relatório teve como objetivo o término do 2º ciclo de estudos em Treino Desportivo e descrever, refletir e autocriticar a forma como trabalhei e vivi a experiência juntamente com os que me acompanharam.

Iniciei o estágio em setembro de 2019 com o objetivo de aprender, mas também ensinar o que fui aprendendo na minha formação universitária, perceber de que forma podia fazer a ligação dos conhecimentos teóricos à prática e os desafios e limitações que iriam surgir ao longo do ano. Fui de mente aberta para ouvir toda a gente com quem iria trabalhar e as suas ideias e diferentes formas de ver o jogo, de modo a poder refletir e “pôr em causa” a bagagem que levava.

Com o fim do estágio pude refletir sobre as melhorias nos meus métodos de trabalho, a nível de treino e observação e análise e pensar sobre outros aspetos que conclui serem de extrema importância, tal como a imagem que passamos para todas as pessoas envolvidas no processo de estágio profissionalizante e na formação das crianças e jovens, desde os pais, aos outros treinadores, coordenadores, diretores e acima de tudo aos principais intervenientes, as crianças e jovens.

Enquanto profissional senti cada vez mais a relevância do meu trabalho e de demonstrar empenho, rigor e qualidade na minha função, uma vez que foi novidade na formação do clube este trabalho de observação e análise. No fundo a pressão de ser o primeiro profissional a realizar esta tarefa, fez-me perceber que o meu trabalho podia ser um fator decisivo para a direção do clube investir ou não nesta nova área a curto/médio prazo. Confesso que comecei este percurso a pensar que tinha muito para ensinar, mas a verdade é que acabei por sair a aprender ainda mais. Consegui transmitir as minhas ideias de treino e de jogo, assim como as minhas perspetivas e interpretação do jogo na observação e análise, mantendo me sempre fiel aos meus ideais, mas sempre com vontade

de aprender e ouvir novas filosofias.

Nem sempre foi fácil a gestão do tempo e trabalho, uma vez que desempenhei duas funções em dois escalões distintos, mas cresci imenso nessa mesma gestão e na importância da dedicação e gosto pelo que se faz.

Como pessoa sinto que me fez aprender a valorizar pequenos gestos diários como um “simples obrigado” e o sentimento de entreajuda que deve imperar de forma a toda a gente evoluir.

A realização deste relatório foi um enorme desafio para mim. Sempre me descrevi como pessoa e profissional, alguém capaz e com alguma facilidade em refletir e autocriticar qualquer pensamento e ação, no entanto, percebi a distância existente entre o pensamento e expressá-lo na escrita. Em alguns momentos duvidei da minha capacidade em elaborar o relatório e descrever da melhor forma todas as minhas vivências e procurei ajuda noutras atividades para o conseguir fazer. Concluído o estágio e o relatório, sinto bastante orgulho no meu percurso (com altos e baixos) pela procura de conhecimento e de superação pessoal e profissional.

Sinto também que estou mais confiante das minhas capacidades e com vontade de encarar os desafios que irei certamente ter pela frente. E para isso no futuro irei procurar sempre trabalhar nas minhas reflexões e autocriticas e analisar o ponto de partida e o ponto onde me encontro. O Futebol está em constante mudança e atualização e sendo esta a área na qual me vejo a trabalhar no futuro, sei que tenho um longo caminho pela frente e que só com muita dedicação poderei atingir os meus objetivos futuros.

5.2 Perspetivas futuras

As minhas perspetivas futuras abrangem agora a curto prazo mais uma área de interesse dentro desta modalidade pela qual sinto uma enorme ligação, a área da gestão desportiva. Este interesse surgiu pelo facto de ver esse trabalho ser banalizado e eu considerar ser importantíssimo para que as restantes funções dentro do clube possam funcionar da melhor e mais eficiente forma possível. Sinto uma grande motivação e até alguma ansiedade em perceber a

minha capacidade de exercer as 3 funções: treinador adjunto; observador/analista e coordenador da formação. Sei que posso ser uma mais valia nas 3 e vou trabalhar nesse sentido tentando não defraudar nenhuma delas.

A médio prazo tenho interesse em estudar mais especificamente a temática da preparação física com o objetivo de ter o conhecimento base nas mais variadas vertentes e pô-las em prática de forma a perceber em que vertente sou ou posso vir a ser mais competente e a que me faz sentir realizado. Depois irei optar por uma delas para fazer carreira profissional, apesar de neste momento a observação e análise ser a que me dá mais satisfação e realização profissional.

Tenho a noção que posso estar a ser demasiado ambicioso ao querer obter conhecimentos em várias vertentes em vez de me focar apenas numa, mas também sei que para me evidenciar neste mercado de trabalho cada vez mais competitivo, tenho de ser diferente, e acredito que este é o caminho certo para mim. A longo prazo (4 a 5 anos) vejo-me como observador/analista no futebol sénior profissional. Independentemente de atingir esse objetivo ou não, irei sempre querer voltar ao futebol de formação.

6. Referências Bibliográficas

6. Referências

- Adriaanse, C. (1996). *Ajax: Na Antecâmara do Olímpo*. A Bola, 19-21.
- Anguera, M. T. (Ed.). (1998). *Observación en la escuela: Aplicaciones*. Barcelona: Edicions de la Universitat de Barcelona.
- Anguera, M. T. (2003b). La observación. In R. Moreno (Ed.), *Evaluación psicológica. Concepto, proceso y aplicación en las áreas del desarrollo y de la inteligência* (pp. 271-308). Madrid: Sanz y Torres.
- Araújo, D., Davids, K., Hristovski, R. (2006). The ecological dynamics of decision making in sport. *Psychology of Sport and Exercise*, Amsterdam, 7(6), 653-76.
- Bacconi, A., & Marella, M. (1995). *Nuovo sistema di analisi della partita in tempo reale*. In Preparazione atletica, analisi e riabilitazione nel calcio - 1.0 Convegno Nazionale A.I.P.A.C. Ediz. Nuova Prhomos, Città di Castelo, 1995, pp. 17-28.
- Blanco-Villaseñor, A., & Anguera, M. T. (2003). Calidad de los datos registrados en el ámbito deportivo. In A. H. Mendo (Ed.), *Psicología del Deporte*, 2, 35-73. Buenos Aires: Edeportes.
- Blanco-Villaseñor, A., Losada, J., & Anguera, M. T. (2003). Data analysis Techniques in observational designs applied to the environment-behaviour relation. *Medio Ambiente y Comportamiento Humano*, 4(2), 111-126.
- Blomqvist M., Vääntinen T., & Luhtanen P. (2005). Assessment of secondary school students' decision-making and game-play ability in soccer. *Physical Education & Sport Pedagogy*, 10, 107-119.
- Borrie, A. (1996). Coaching Science. In T. Reilly (Ed.), *Science and Soccer* (pp. 243-272). London: E.&F.Spon.
- Borrie, A., Jonsson, G., & Magnusson, M. (2002). Temporal pattern analysis and its applicability in sport: an explanation and exemplar data. *Journal of Sports Sciences*, 20(10), 845-852.
- Carling, C., Williams, A., & Reilly, T. (Eds.). (2005). *The handbook of soccer match analysis*. London: Routledge.
- Carling, C., Reilly, T., & Williams, A. (Eds.). (2009). *Performance assessment for field sports*. London: Routledge.

- Casanova, F. (2012). *Perceptual-cognitive behavior in soccer players: Response to prolonged intermittent exercise*. Dissertação de Doutoramento em Ciências do Desporto apresentada à Faculdade de Desporto, da Universidade do Porto.
- Castelo, J. (Ed.). (1994). *Futebol - modelo técnico-tático*. Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana.
- Castelo, J. (Ed.). (2009). *Futebol - Organização Dinâmica do jogo* (3º ed.). Lisboa: Centro de Estudos de Futebol da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia.
- Castellano, J., Perea, A., Alday, L., & Hernández-Mendo, A. (2008). Measuring and observation tool in sports. *Behavior Research Methods*, 40, 898–903.
- Costa, I. T., Garganta, J., Grego, P.J., Mesquita, I., & Muller, E. (2009). Princípios táticos do jogo de futebol: conceitos e aplicação. *Revista Motriz*, 15(3), 657-668.
- Costa, I. T., Garganta, J., Grego, P. J., Mesquita, I., & Muller, E. (2011). Relação entre a dimensão do campo de jogo e os comportamentos táticos do jogador de futebol. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 25(1), 79–96. <http://doi.org/10.1590/S1807-55092011000100009>
- Deleplace, R. (1994). Logique du jeu et consequences sur l'entraînement à la tactique. Conference au Colloque Lês Sports Collectifs. Paris. INSEP.
- Dellal, A., Chamari, K., Wong, D., Ahmaidi, S., Keller, D., Barros, R., Bisciotti, G., & Carling, C. (2011). Comparison of physical and technical performance in European soccer match-play: FA Premier League and La Liga. *European Journal of Sport Science*, 11(1), 51-59.
- Deprez, D. N., Fransen, J., Lenoir, M., Philippaerts, R. M., & Vaeyens, R. (2015). A retrospective study on anthropometrical, physical fitness, and motor coordination characteristics that influence dropout, contract status, and first-team playing time in high-level soccer players aged eight to eighteen years. *Journal of Strength and Conditioning Research*, 29(6), 1692–1704. <https://doi.org/10.1519/JSC.0000000000000806>
- Dietrich, K., Dürrwächter, G., & Schaller, H. (1984). *Os grandes jogos: metodologia e prática*. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico.

- Franks, A., Williams, A. M., Reilly, T., & Nevill, A. (1999). *Talent Identification in Elite Youth Soccer Players: Physical and Physiological characteristics*. *Journal of Sports Sciences*, 17, 812.
- Fédération International De Football Association. Disponível em: www.fifa.com. Acesso em: 9 jun. 2020.
- Garganta, J. (1996). *Modelação da dimensão tática do jogo de futebol*. In Estratégia e tática nos jogos desportivos coletivos. J. Oliveira & F. Tavares (Eds.) CEJD. FCDEF-UP.
- Garganta, J. (1997). *Modelação tática do jogo de futebol. Estudo da fase ofensiva em equipas de alto rendimento*. Tese de doutoramento. Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.
- Garganta, J. (1998). Para uma teoria dos jogos desportivos coletivos. In J. Oliveira & A. Graça (Eds.), *O ensino dos jogos desportivos coletivos*. Porto: Centro de Estudos dos Jogos Desportivos. Faculdade de Desporto.
- Garganta, J. (2001). A análise da performance nos jogos desportivos. Revisão acerca da análise do jogo. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 1 (1), 57-64.
- Garganta, J. (2004). A formação estratégico-tática nos jogos desportivos de oposição e cooperação. In: A. Gaya, A. Marques & Go Tani (Eds.), *Desporto para crianças e jovens: razões e finalidades*. Porto Alegre: Editora UFRGS, pp. 217-33.
- Garganta, J. (2005). Dos constrangimentos da acção à liberdade de inter(acção), para um futebol com pés... e cabeça. In D. Araújo (Ed.), *O contexto da decisão - A acção tática no desporto* (pp. 179-190). Lisboa: Visão e contextos.
- Garganta, J. (2006). (Re)Fundar os conceitos de estratégia e tática nos jogos desportivos colectivos, para promover uma eficácia superior. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 20(Suplemento nº5), 201-203.
- Garganta, J. (2006). Ideias e competências para “pilotar” o jogo de Futebol. In Go Tani, J. Bento & R. Peterson (Eds.), *Pedagogia do Desporto* (pp.313-326). Rio de Janeiro, Guanabara Koogan.
- Garganta, J. (2007). A análise da performance nos jogos desportivos. Revisão

acerca da análise do jogo. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 7 (suplemento1),13.

- Garganta, J. (2008). Modelação táctica em jogos desportivos: a desejável cumplicidade entre a pesquisa, treino e competição. In F. Tavares, A. Graça, J. Garganta & I. Mesquita (Eds.), *Olhares e contextos da performance nos jogos desportivos*. Porto: Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.
- Garganta, J., & Cunha e Silva, P. (2000). O jogo de futebol: entre o caos e a regra. *Horizonte, Revista de Educação Física e Desporto*, XVI (91), 5-8.
- Garganta, J., & Gréhaigne, J. F. (1999). Abordagem sistémica do jogo de futebol: Moda ou necessidade. *Revista Movimento*, 5(10), 40-50.
- Garganta, J., & Pinto, J. (1994). O ensino do futebol. In A. Graça & J. Oliveira (Eds.), *O ensino dos jogos desportivos* (pp. 97-137). Porto: CEJD/FCDEF-UP.
- Gjesdal, S., Wold, B., & Ommundsen, Y. (2019). Promoting additional activity in youth soccer: A half-longitudinal study on the influence of autonomy-supportive coaching and basic psychological need satisfaction. *Journal of Sports Sciences*, 37 (3), 268–276. <https://doi.org/10.1080/02640414.2018.1495394>
- Greco, P.J. (2006). Conhecimento técnico-tático: o modelo pendular do comportamento e da ação táctica nos esportes coletivos. *Revista Brasileira de Psicologia do Esporte e do Exercício*, 0, 107-129.
- Gréhaigne, J. (1989). *Football de mouvement. Vers une approche systémique du jeu* [Soccer in movement. Towards a systemic approach of the game]. Unpublished doctoral dissertation. Université de Bourgogne, Dijon, France.
- Gréhaigne, J., Godbout, P., & Bouthier, D. (1997). Performance assesment in team sports. *Journal of Teaching in Physical Education, Champaign*, 16, 500-516.
- Gréhaigne, J., Godbout P., & Bouthier D. (1999). The foundations of tactics and strategy in team sports. *J Teach Phys Educ.*, 18(2), 159–74.
- Guilherme, J., Pinto, J., & Barreiros, J. (1999). Observação de comportamentos: uma síntese metodológica. In P. Sarmento (Ed.), *Pedagogia do desporto -*

- Estudos 6* (pp. 77-99). Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana.
- Guilherme, J. (2004). *Conhecimento específico em futebol. Contributos para a definição de uma matriz dinâmica do processo ensino-aprendizagem/treino do jogo*. Dissertação de Mestrado (não publicada). Universidade do Porto, Porto.
- Guilherme, J. (2006). Entrevista. In Almeida, F. (2006). *A importância dos momentos de transição (ataque-defesa e defesa-ataque) num determinado entendimento de jogo*. Dissertação de Licenciatura. Porto: FADEUP.
- Hernández Mendo, A., & Ramos, R. (1996). *Introducción a la informática aplicada a la psicología del deporte. Herramientas informáticas de uso en las ciencias del deporte*. Madrid: Ra-Ma.
- Holt, N. L., Strean, W. B., & Bengoechea, E. G. (2002). Expanding the teaching games for understanding model: new avenues for future research and practice. *Journal of Teaching in Physical Education*, Champaign, 21, 162-176.
- Hughes, M. (1996). National analysis. In T. Reilly (Ed.), *Science and Soccer* (pp. 343-362). London: E & F. N. Spon.
- Hughes, M., & Franks, I. (2004a). From analysis to coaching. In M. Hughes & I. Franks (Eds.). *Notational Analysis of Sport* (Second Edition). London: Routledge.
- Júlio, L., & Araújo, D. (2005). Abordagem dinâmica da acção táctica no jogo de futebol. In: D. Araújo (Ed.), *O contexto da decisão: a acção táctica do desporto*. Lisboa: Visão e Contextos, 159-178.
- Kirk, D. (1983). Theoretical guidelines for teaching games for understanding. *Bulletin of Physical Education, Driffield*, 19(1), 41-45.
- Knudson, D., & Morrison, C. (Eds.). (2002). *Qualitative analysis of human movement*. New York: Champaign, IL. Human Kinetics.
- Kormelink, H., & Seeverens, T. (Eds.). (1999). *Match analysis and game preparation*. Spring City: Reedswain.
- Lago, C. (2009). The influence of match location, quality of opposition, and match status on possession strategies in professional association football. *Journal of Sports Sciences*, 27(13), 1463-1469.

- Lago, C., & Martin, R. (2007). Determinants of possession of the ball in soccer. *Journal of Sports Sciences*, 25(9), 969-974.
- Lames, M. (2003). Computer Science for Top Level Team Sports. *International Journal of Computer Science in Sport*, 2, 57-72.
- Lames, M., & Hansen, G. (2001). Designing observational systems to support top-level teams in game sports. *International Journal of Performance Analysis in Sport*, 1, 83-90.
- Leal, M., & Quinta, R. (2001). *O Treino no Futebol: Uma concepção para a Formação*. Braga: APPACDM.
- Leandro, T. (2003). *Modelo de Clube: Da Concepção à Operacionalização. Um estudo de caso no Futebol Clube do Porto*. Dissertação de Monografia apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade do Porto.
- Leitão, J., & Campaniço, J. (2009). Research methods support in observation sports laboratory. *Motricidade - Sport, Health & Human Development*, 5(3), 27-33.
- Marcelino, R., Mesquita, I., & Sampaio, J. (2011). Effects of quality of opposition and match status on technical and tactical performances in elite volleyball. *Journal of Sport Sciences*, 29(7), 733-741.
- Matias, C. J. A. da S., & Greco, P. J. (2010). Cognição e ação nos jogos esportivos coletivos. *Ciências e Cognição*, 15(1), 252–271.
- McGarry, T., Anderson, D., Wallace, S., Hughes, M., & Franks, I. (2002). Sport competition as a dynamical self-organizing system. *Journal of Sports Sciences*, 20(10), 771-781.
- McGarry, T., & Franks, I. (1996). The science of match analysis. In T. Reilly (Ed.), *Science and Soccer* (pp. 363-385). London: E. & F. Spon.
- Memmert, D., & König, S. (2019). Models of game intelligence and creativity in sport: Implications for skill acquisition. In: NJ. Hodges, AM. Williams (Eds.), *Skill acquisition in sport: Research, theory and practice*. 3 ed. Abingdon: Routledge, 220–36.
- Mesquita, I. (2005). A contextualização do treino no voleibol: a contribuição do construtivismo. In: Duarte, A. (Ed.). *O contexto da decisão: acção táctica no*

desporto. Lisboa: Visão e Contextos, 355-78.

- Mesquita, I. (2013). Perspectiva construtivista da aprendizagem no ensino do jogo. Em J. V. Nascimento, V. Ramos, & F. Tavares (Eds.), *Jogos Desportivos: formação e investigação* (pp. 103–132). Florianópolis: Universidade do Estado de Santa Catarina.
- Mesquita, I., Graça, A., Gomes, A.R., & Cruz, C. (2005). Examining the impact of a step game approach to teaching volleyball on student tactical decision making and skill execution during game play. *Journal of Human Movement Studies*, London, 48, 469-92.
- Mesquita, I., Pereira, F. R. M., & Graça, A. B. dos S. (2009). Teaching game models: research and outcomes for the practice domain. *Motriz*, 15(4), 944–954.
- Metzler, J. (1987). Fondements théoriques et pratiques d' une démarche d' enseignement des sports collectifs. *Spirales*, n. I (complément), 143-151.
- Møllerlørkken, N. E., Lorås, H., & Pedersen, A. V. (2015). A systematic review and meta-analysis of dropout rates in youth soccer. *Perceptual and Motor Skills*, 121(3), 913–922. <https://doi.org/10.2466/10.PMS.121c23x0>
- Mourinho, J. (2002a). José Mourinho. *Revista Dragões*, Ano 16, nº201, janeiro, 14-35.
- Oslin, J. L., Mitchell, S. A., & Griffin, L. L. (1998). The game performance assessment instrument (GPAI): Development and preliminary validation. *Journal of Teaching in Physical Education*, 17(2), 231-243.
- Pinto, A. (2007). *Se não fosse para ganhar...A importância da dimensão tática no ensino dos jogos de desportivos colectivos*. Campo das letras, Editores, S.A.
- Reverdito, R. S., & Scaglia, A. J. (2009). *Pedagogia do esporte: jogos coletivos de invasão*. São Paulo: Phorte.
- Sarmiento, H. (2012). *Análise do jogo de futebol – Padrões de jogo ofensivo em equipas de alto rendimento: uma abordagem qualitativa*. Tese de doutoramento. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real.
- Sarmiento, P. (Ed.). (2004). *Pedagogia do Desporto e Observação*. Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana.

- Silva, M. V., & Greco, P. J. (2009). The effects of different teaching-learning-training strategies on development of tactical intelligence and creativity in futsal players. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 23(3), 297–307. <http://doi.org/10.1590/S1807-55092009000300010>
- Stratton, G., Reilly, T., Williams, A. M., & Richardson, D. (2004). *Youth Soccer – From Science to Performance*: Routledge.
- Tamarit, X. (2013). *Periodización Táctica vs Periodización Táctica*. Espanã: MBF.
- Taylor, J., Mellalieu, S., James, N., & Shearer, A. (2008). The influence of match location, quality of opposition, and match status on technical performance in professional association football. *Journal of Sports Sciences*, 26(9), 885 - 895.
- Teodorescu, L. (1977). *Théorie et méthodologie des jeux sportifs*. Paris. Les Editeurs Français Réunis.
- Teodorescu, L. (Ed.). (1984). *problemas da teoria e metodologia dos jogos desportivos coletivos*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Ventura, N. (2011). *A influência do scouting na preparação do microciclo no treino de futebol - Um estudo centrado no pensamento do treinador*. Dissertação de Mestrado (não publicada). Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa.
- Ventura, N. (2013). *Observar para ganhar, o Scouting como Ferramenta do Treinador*. Tipografia Lousanense, Lousã.
- Wooden, J. (1988). *Practical Modern Basketball*. New York: McMillan Publishing Company.